

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



Jennifer Jones, primeiro prêmio da Academia, a mais recente estrela do cinema americano, que vamos ver em «A Canção de Bernadette»

ANO IV - N.º 198 1 DE MARÇO DE 1945
PREÇO AVULSO 1\$80

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABROS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

MANTENHA
A FELICIDADE
NO SEU LAR
COM UM SEGURO
DE VIDA



COMPANHIA **Ulramarina**TM
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
DE SEGUROS

14 An. Rua 84
18 freguesia semestral

Beneficiário do Ex. Sr. Eduardo Costa

a quantia de Cento e noventa e sete escudos

Importância do prêmio relativo ao semestre

que começa em 1. de Fevereiro de 1945 e refere-se ao seguro de vida efectuado pela Apólice Nº 10,663 desta Companhia.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1945

Prémio	179,30
S/Isa. Fran.	3,60
Costa do apólice	14,00
Valor da prima	3,90
Imposto	1,00
Imposto adicional	1,00
Taxa	197,80

Pela Companhia de Seguros ULTRAMARINA

N.º A

★ ULTRAMARINA ★

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9-

PHILIPS



CASA *Jose Costa*

R. DE S. PAULO, 11-13 - LISBOA - TEL. 24888

FRIGORÍFICOS ★ RÁDIO ★ LUZ ★ SOM

ESTA CASA DISTRIBUI CALENDÁRIOS COM ESTE MOTIVO

*Móveis
Decorações*

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.ª

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

SORTILÉGIO DE LISBOA

É difícil, muito difícil, transmitir e ensinar o amor através da palavra escrita. A não ser o amor por alguma antiga, doce ou demoníaca imagem de mulher, cujos prestígios e graças lendárias se perdem ou, melhor, se idealizam e luminosamente esfumam na mágica bruma do tempo: Helena ou Cleópatra, Judite ou Heloisa, Francesca ou Aónia, por exemplo. Serão sempre essas mulheres quasi irracionais, companheiras, musas dilectas de adolescentes e de poetas mais ou menos jovens. Evocá-las em verso ou em prosa lírica — mesmo que o verso e a prosa não sejam dos melhores... — raras vezes deixará de provocar no leitor certo frémito de apaixonado interesse. Tarefa bastante fácil, portanto, a de fazê-las viver e reviver perante a nossa atenção, a de fazer que lhe consagremos um pouco de constante e perturbante amor...

Mas já não é nada fácil comunicar aos outros o fervor o carinho e o entusiasmas que porventura em nós desperte um país, uma paisagem, uma cidade familiar aos nossos olhos, cenário da nossa existência cotidiana e, como tal, pretexto azado a críticas e a comentários desfavoráveis. Para o conseguir, para que as páginas dum livro nos transmitam e revelem o encanto maravilhado do autor perante coisas e aspectos que todos conhecemos e em que ele adivinha ou vê belezas novas ou renovadas, feitiços de irradiante enleio e perfeições que não suspeitávamos; para que assim elas nos prendam, cativem e deslumbrem o coração e o espirito — é necessário, é indispensável que atinjam um poder de estilo, uma força de emoção, um vigor descritivo, e uma subtil, e viva, e ardente veemência de ternura que, momento a momento, enobrecam o assunto e transmitem em oiro puro o que nelleறைo ou se afirma menos digno de ser tratado.

A última obra de Bourbon e Menezes «Sua Graça é Lisboa», alcança esse complexo objectivo. Até das fealdades e das mórbidas melancolias da capital extrai motivos de cáddio affecto, de estreito e íntimo apêgo, de estímulo sentimental, de fiel e dedicado amor, em suma.

Livro, em tudo e por tudo, delicioso, cántico inequalável à Lisboa de sempre e de hoje, nas suas ruas pitorescas, nas suas figuras populares, nos seus bairros pobres, no esplendor da sua luz e do seu Tejo, nos seus monumentos, nos seus jardins, nos seus pardais atrevidos e nas suas flores, nos seus poentes e nas suas auroras, na sua primavera e no seu outono. Porque não o confessare? Eu não gosto muito, muito de Lisboa, embora reconheça o sortilégio excepcional do seu ambiente de sempre noiva do Tejo, e compreenda que o poeta em prosa que é Bourbon e Menezes leve longas horas

— JOÃO DE BARROS
(Continua na pág. 6)



NESTE palacete, que pertenceu ao Dr. Alfredo Pinto (Sacavém), recentemente falecido, vão ficar instaladas algumas das secções do Instituto Nacional do Trabalho. E aí cabem — ou entram — segundo a recente criação do organismo, os serviços da Caixa Regional do Abono de Família. O palacete fica no Calçado João do Rio, tem o n.º 32 e está a sofrer operações de limpeza, para que entrem em funcionamento os respectivos serviços.

LISBOA QUANDO TEM FRIO...

A propósito dos frios que o lisboeta suportou com toda a resignação, logo na Imprensa, num alvoroço, se elevou um brado clamoroso de alvites para debelar a vaga impetuosa dos negativos. Lamentou-se, como era natural, que as casas não tivessem aquecimento — e julgou-se que isso era um falhanço da moderna arquitectura, que prevê tudo e se esquece do mais elemental. Isto é um velho hábito portuguêsíssimo. Depois dum grosso desastre ferroviário, por exemplo, cinco dias a fio fala-se, com insistência, no negligente cuidado das passagens de nível. Depois das grandes inundações, submergindo as sementeiras, bate-se e rebate-se no velho problema da hidrállica — e das zonas de protecção aos terrenos ribeirinhos.

Assim é para as secas que dizimam as culturas e as pastagens — matando os gados e as cearas — perguntando num coro de protestos: «Porque se não faz a irrigação dos campos? Porque se não protege a agricultura?».

Porém, mal a bonança, em seguida ao temporal, se avizinha, tudo se esquece — e cada um cruza as mãos e enterra o bestunio a decifrar charadas que distraem. O mal só é lembrado quando o desastre, inevitável há uns poucos de anos, surgiu dum momento para o outro.

NESTA CASA VÃO FICAR INSTALADOS OS SERVIÇOS DO ABONO DE FAMÍLIA

E então fala-se, discute-se, há indignação — depois tudo volta ao ram-ram de sempre, a adormecer as justas reprimendas. Ora o mesmo aconteceu com o frio, que este ano veio regelado. Cada um procurou, o melhor que pôde, remediar o seu problema. Houve os que se enrouparam em duplicado — e chegaram ao estômago as brasas do álcool; houve também aqueles que puderam, burrivelmente, ver a neve à janela dos quartos, embrulhados em mantas, que o dinheiro estava a render no Banco; e outros que, mesmo na rua, tinham confortáveis automóveis, lãs, luvas, e se resguardavam a todo o momento. Mas os outros? A grande maioria? Aquêles mal vestidos, de tecidos leves, sapatos esburacados, que tinham de caminhar para ganhar a vida?

Esses é que sentiram a neve com todo o seu rigor. Evidentemente que nós não estamos habituados a essas temperaturas tão baixas — e que isso podia espalhar doenças e enfermidades nos organismos débeis dos que sofrem. Pois desses ninguém se lembrou. Os jornais, indignados, perguntaram, unicamente, «porque não tinham as casas aquecimento». Relembrou-se, até, que toda a gente devia erguer a unha e tradicional lareira contra o frio. Perfeitamente. O aquecimento faz imensa falta nas casas de cada um.

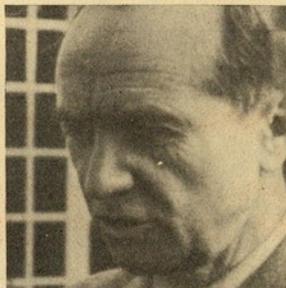
Mas se um cavalheiro sente frio e tem medo, coitado, de morrer geladinho, recoberto na cama com cobertores de papa, botija, fronhas e lençóis — como se há-de arranjar aquêles que dormem vestidos com o fato de trabalho, em pobres camas de ferro, encolhidos na friagem úmida do quarto?

«Deus dá o frio conforme a roupa» — e seria também justo que os homens dessem a roupa conforme o frio.

E isto, quanto a nós, seria bem fácil. Bastaria que cada junta de freguesia tivesse para os que necessitam cobertores — que seriam distribuídos, no inverno, aos que, pelo desconforto, nada têm. E, também, que houvesse um amplo albergue, gratuito, com boas camas e bebidas quentes — que recolhesse aquêles que, por fatalidade do Destino, dormem por aí, agasalhados pela noite fria, nos úmidos portais do infortúnio.

MANUEL MARTINHO

As figuras da SEMANA



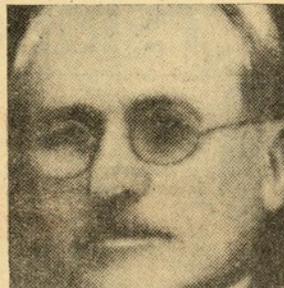
MINISTRO DU SAULT

Recentemente, chegou a Portugal o sr. ministro Juan du Sault, que vem representar o Governo da França em Portugal tendo já entregue as suas credenciais.



ANTÓNIO FERRO

António Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação, que acaba de ser eleito sócio correspondente da Real Academia de História, de Espanha.



DR. FERREIRA DE MIRA

O sr. dr. Ferreira de Mira que, por ter atingido o limite da idade, abandonou há pouco as suas funções de catedrático da Faculdade de Medicina.



VIAGEM À CALIFÓRNIA

NA volta da Crimeia, Roosevelt e Churchill tiveram mais de que tratar. Primeiro, o encontro entre os dois, fora da presença de Staline, para tratar de um caso em que, publicamente, o «leader» moscovita não podia ter intervenção: o caso da guerra com os japoneses em que a Rússia, por enquanto, guarda posição de neutralidade. E não deixa de ser curioso recordar que logo na noite em que se tornaram conhecidos o comunicado de Yalta e a convocação da conferência das Nações Unidas para 25 de Abril, em S. Francisco da Califórnia, as emissoras su-americanas se deram pressa de aproximar datas e factos: o pacto russo-nipónico, tão espectacularmente subscrito por Malsouka em Moscovo, tem a data de assinatura de 13 de Abril mas a sua validade vem de alguns dias depois, cingindo-se à sua ratificação; São Francisco da Califórnia é a cidade mais importante dos Estados Unidos voltada para as bandas do Pacífico — onde a batalha se aproxima de Tóquio e onde os russos ainda são potência neutral.

Depois, revelaram-se as conferências com os monarcas de Estados marginais do mar Vermelho: Faruk, Ibn Saud e Haít Selassí. E fora de dúvida que os problemas do Próximo Oriente estão na ordem do dia. A decisão da Turquia também tem de ser vista nesse quadro geral.

O Presidente americano voou da Crimeia para Alexandria, onde se instalou a bordo de um cruzador para receber os seus régios convidados. O Primeiro Ministro britânico calculou algumas milhas de deserto para ao encontro deles. A circunstância de Roosevelt ter optado pelas reuniões a bordo tem a sua explicação: fácil no propósito de desejar receber os hóspedes no próprio território americano — pois, como se sabe, os navios de guerra consideram-se, onde quer que estejam, um prolongamento do território nacional. Destas conferências no cruzador talvez venha a falar-se mais tarde, quando vier a talhe de foice — isto sem o simbolismo de qualquer alusão... — tratar do problema dos petróleos, em que dificilmente deixarão de apontar-se os interesses das grandes potências.

Outra conferência no cruzador, que não chegou a realizar-se, não era na Alexandria, mas em Argel. O convite a De Gaulle deve ter sugerido ao chefe do Governo provisório francês a oportunidade de um gesto ruados que mostrasse bem o seu desagrado pela decepção de não ter chegado o convite para a viagem à Crimeia. A verdade é que a reunião dos «Três Grandes» tinha de ser considerada como um prolongamento da que se efectuara em Teherão: o conselho das potências que tinham permanecido de pé diante do poderio alemão, as potências que tinham organizado a resistência, que tinham passado da defensiva à ofensiva, virado numa palavra, o curso dos acontecimentos. A França tem a sua conta: o calveteiro de quatro anos, as devotações no seu território, o seu próprio vigor heróico de reabilitação no campo de batalha. Mas na França ainda hoje, desde o seu Governo, tudo é provisório — menos a grandeza do seu esforço, que é igual ao de sempre, nas páginas da sua História. Mas pergunta-se: a França terá ganho alguma coisa com a recusa de De Gaulle a encontrar-se com Roosevelt? A assembleia magna de S. Francisco da Califórnia está já a menos de dois meses. Não há tempo para pequenas compensações.

J. R. S.

CUIDAR DOS FERIDOS

O que se passa, por esses hospitais que funcionam para a guerra? A propaganda fala-nos muito pouco das vidas dos que lutam para que não morram as vítimas da guerra. Por vezes, essas vítimas são tantas — que os chefes do exército pedem tréguas, para enterrar os mortos e cuidar dos feridos.

E, então, os hospitais da frente e da retaguarda que já estavam cheios, trasbordam com as impressionantes levas de feridos. Os que vemos, em cima, são americanos feridos na frente europeia — no seu avanço para a Alemanha. Durante a libertação de Cherburgo, os americanos perderam 25 mil homens — mas capturaram 42.500, o que equivale a seis divisões inimigas.

Na foto em baixo, vemos que os aviões militares são muitas vezes postos ao serviço dos hospitais militares e civis — não só para o transporte de medicamentos, mas, também, para o transporte de frutas. As bananas estão a ser altamente empregadas nos casos de convalescença. Vão das ilhas portuguesas, de África, do Brasil e, até, do Pacífico, para os hospitais de todo o mundo.



NA LUTA PELA VITÓRIA

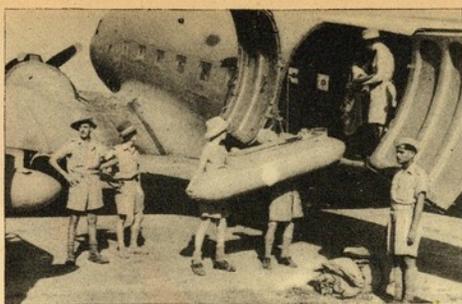
ATÉ AS BICICLETAS ESTÃO A SER MOBILIZADAS

PARA vencer na frente alemã, todas as forças são mobilizadas, todos os contingentes vão engrassar a força aliada: aqui está a recolha — para não dizer a mobilização — de bicicletas que os soldados aliados estão a fazer na Bélgica para a conquista da Europa...



A BORDO DO JORGE V

A bordo do «Jorge V» houve, há pouco, uma faina excepcional. Ia ser recebida a família real. O rei, a rainha e as princesas iam visitar o glorioso barco que na Sumatra batera os japoneses. E, assim, no seu regresso a Inglaterra, como prova de aprêço, aquêle que regressava das Índias Britânicas, podia ser pisado pelos reis do maior Império do mundo e pelas filhas desses reis: Elisabeth e Margaret. Na foto, a rainha conversa com os oficiais de bordo. A seu lado, mal se vêem as duas princesinhas.



BARCOS DE BORRACHA

No Pacífico, a luta ocupa agora uma atenção tão grande como na Europa. São as ilhas das Filipinas, é o próprio Japão atingido no mais sensível dos seus objectivos — é, enfim, a luta dos americanos contra os Japoneses, verdadeiro nervo que levou o Governô do sr. Roosevelt a lançar-se nesta guerra. As fábricas americanas, para os êxitos que se anunciam, não se fartam de fabricar, por exemplo, destes pequenos barcos de borracha, indispensáveis nas operações anfíbias e nos grandes «raids» aéreos.



A CAMPANHA DA ITÁLIA

DEPOIS da conferência de Yalta, foi anunciado ao mundo que a luta, em tôdas as frentes, ia sofrer um extraordinário vigor, uma orientação que fizesse liquidar o mais cedo possível a tremente hecatombe. Na frente italiana, montanhosa e abrupta, os soldados lutam, entretanto, com os soldados inimigos e com os Alpes e os Apininos.



PELA VIDA DOS INOCENTES

Os americanos, libertando as Filipinas da ocupação Japonesa, sabem que a vitória não lhes dará o domínio dessa mesga de terra, obtida dos espanhóis a péso de ouro. Mas nem por isso a luta se reveste de menos entusiasmo e o interesse do soldado ou do Governô se reflecte menos carinhosamente sobre a população civil. Aqui estão estes soldados americanos que distribuem pelas crianças de S. José, na Ilha de Mindoro, as suas rações de conservas. Decerto, o remédio para um mal que vem de há quatro anos — tantos são os da ocupação — não será radical, mas o mundo saciado do egoísmo aprecia os actos de singel: humanidade...



DOCUMENTOS DUMA CIVILIZAÇÃO

A convite do rei Faruk, do Egipto, homens e mulheres dos serviços auxiliares aliados puderam estar em contacto com os tesouros descobertos, em 1922, pelo falecido conde de Carnarvon e pelo dr. Howard Carter, no túmulo do rei Tutankhamen, em Luxor. Na foto, vê-se um dos três esquifes, todo em ouro, que, por sua vez, foi encerrado num outro esquife de madeira e que permanecem no túmulo. Nas belas incrustações há ouro, esmaltes de cores maravilhosas e uma profusão de pequenas figuras que atestam a grandeza de uma civilização inigualável.





Maria Eugénia sonhou a noite passada que, no dia 1 de Abril, o dia dos seus anos, vai acordar assim rodeada de flores...

Maria Eugénia

**NÃO TEM
«POSES»
DE «VEDETA»,
NASCEU NO
DIA DAS MEN-
TIRAS, ESTÁ
A M U A D A
COM A RÁDIO
—E SONHA COM
HOLLYWOOD...**

—Qual a sua opinião sobre as nossas «estrelas» de cinema?

Maria Eugénia torce as mãos, e afasta-se rapidamente quando vê que não nos escapou o seu gesto de indecisão. A sorrir, num sorriso ambíguo, diz-nos:

—Olhe: a Regina, não a conheço; à Patricia, falei-lhe uma vez, num fotógrafo onde nos encontramos por acaso... Conheço muito poucas, porque vivo afastada do «meio».

—Bem, mas essas são «estrelas» que ainda não «brilharam»... E quanto às outras: a Carmen Dolores, por exemplo...

—Sim, gostei da Teresa do «Amor de Perdição».

—E do António Vilar?

—Também gostei. Creio, porém, que no «D. Pedro» é que ele tem uma oportunidade de mostrar o que vale.

—Qual foi, na sua opinião, o melhor filme português exibido até hoje?

—«O Costa do Castelo».

(Quando Maria Eugénia nos deu esta resposta, ainda não se tinha estreado «Um homem às direitas».)

Um «pequeno» preto e luzidio entra na sala, em latidos de ternura canina. Maria Eugénia toma um ar solene, e comanda:

—Sal, «Masotes»!

—Mas é Maria Antonieta, aquela simpática colega de «A Menina da Rádio», e que é, na vida real, a irmã mais nova da nossa entrevistada, quem consegue afastar o bicho, que dá à cauda tristemente — e como se aquela intromissão tivesse sido providencial, Maria Eugénia muda de assunto:

—Tenho o sonho de filmar lá fora. A América, em especial, tenta-me constantemente... Mas não passa de um sonho...

Ela está em idade de sonhar... E, às vezes — quem sabe?... — os sonhos das raparigas acabam por acontecer, realmente. Deixámo-la ainda com aquela sua expressão distante e ansiosa em que adivinhámos no tom brando dos seus olhos cenários de Hollywood, em vez da paisagem magnífica e em anfiteatro que se disfruta das suas janelas... E partimos impressionados com o estranho fluído de simpatia que se desprende dessa garota-«estrela», que faz anos no «dia das mentiras», mas que não nos pareceu nada mentirosa...

Este portmôen é para que tu, leitor, o não esqueças, e lhe mandes, no próximo dia 1 de Abril, um lindo ramo de rosas, com um cartão em que lhe darás os parabéns pelos seus dezêito anos, e em que expressarás os teus votos pela sua rápida e feliz partida — para Hollywood...

—E logo ela, toda debruçada para a frente, prosseguiu:

—Ao passo que na Rádio fui infeliz; eu esperava mais do que del! Mas sei que sou capaz de melhor... — e, depois de uma curta pausa: — A verdade é que tenho recebido cartas, de pessoas que não conheço, em que me perguntam porque não volto a cantar ao microfone. E justamente agora tenho uma proposta da Emissora que me interessa em princípio, mas que não chegou ainda a bom termo por motivos estranhos à Arte...

—Vamos, então, ouvi-la de novo cantar na Rádio?

—Sim, tentemo... Mas, para já, creio que irei a Espanha filmar com o Artur Duarte. Depois, tenho mais duas propostas, para dois outros filmes, também com o Artur Duarte... Gosto muito dele, e da Teresa Casal também.

—Não pensa, então, abandonar o cinema?

—Não! A não ser que me sucedesse o «precalço» que aconteceu à Milú... Mas ainda é cedo para isso...

—E agrada-lhe a vida artística, no nosso meio?

—Sim... embora tenha muitos e aborrecidíssimos inconvenientes. A publicidade, necessária por um lado, torna-se entre nós comprometedor, pois me sinto exposta aos comentários de toda a gente e em aspectos que nada têm que ver com o cinema. Compreendi?...

Como não havíamos de compreender, se sabemos que, vivemos num país onde a má-educação e a grosseria são coisas vulgaríssimas. Aconselhámo-la a «não ligar nenhuma», e perguntámos:

POR muito que se tenha publicado a seu respeito, por muito que se saiba dela, sempre queremos dizer aos nossos leitores que Maria Eugénia não tem nada de «vedeta»... É uma rapariga bonita e simpática, muito nova ainda, que desde pequenita sonhava com o cinema: conseguiu filmar a primeira vez apresentando-se num concurso público, em que a sua candidatura foi preferida — e é tudo. No seu olhar claro alternam e competem constantemente a infantildade e a malícia; e a sua boca fresca comunica-nos um timbre de voz que não é ainda exactamente de mulher... Fodia ser assim, bonita e com menos de dezêito anos, e estar já embuída dessa detestável pecha de celebridade que mata pelo ridículo tantas «artistas» nacionais; mas não — é simples e despretenhosa, agradável e simpática. E esta pequena, que filmou a «Menina da Rádio» sem nunca ter feito cinema, e o fez sem quaisquer lições, ou simples indicações, sobre a arte de representar e de dizer, transmitiu-nos a sua decepção pelos seus primeiros passos na Rádio:

—Recebi um convite da Emissora, e não quis de modo algum perder aquela oportunidade. Por isso me precipitei, e fui cantar um repertório que não era «o meu género». Uma série de circunstâncias conjugaram-se para que a minha actuação na Rádio, sempre em «exteriores» da Emissora, me agradasse menos que no Cinema.

E com volubildade:

—Mas ainda hei-de cantar ao «micro» o «Danúbio Azul»...

—E, então?

Maria Eugénia sorriu, e limitou o seu entusiasmo:

—E, então, talvez fique mais contente comigo... — Disse que a satisfizes a sua actuação no cinema?

—Foi quasi isso: disse que fiquei mais satisfeita de me ver no cinema do que de me ouvir na Rádio...

—E não será porque os seus olhos são mais bonitos que a sua voz?

CALÇADA DA GLÓRIA

NOTAS DE VIAGEM



Augusto de Castro partiu, há duas semanas, para Paris, onde vai representar Portugal junto do general De Gaulle, personificação da nova França. Duas notas curiosas e que talvez interessem aos anotadores destes pequenos factos históricos que são, afinal, os grandes factos da História: Augusto de Castro, nas vésperas de partir, recebeu 34 convites para almoços e jantares; e, na sua bagagem diplomática, levou alguns pacotes de velas para se iluminar na Cidade das Luzes...

O FIM DA MONARQUIA



No dia seguinte ao Regicídio, após a reunião do Conselho de Estado que se realizara no Paço das Necessidades, a Duquesa de Palmela aproximou-se de João Franco e, quasi ao ouvido, num tom de confidência, perguntou-lhe:

— Mas isto é o fim da Monarquia, não é, conselheiro?

A INFANTA E OS PATULEIAS



É sabido que muitos intelectuais portugueses foram um dia toureiros. Ora, uma ocasião, em que toureava, o escritor Lopes de Mendonça feriu-se na mão esquerda, ao fazer uma pega de cara. Logo a infanta D. Ana de Jesus Maria que assistia à tourada exclamou, da tribuna:

— Deixem correr, que é sangue patuleia!

ARNALDO RESSANO GARCIA — TOUREIRO



Contava, há dias, Rogério Perez — «El terrible Perez» — que Arnaldo Ressano Garcia, professor catedrático e caricaturista admirável, foi, quando jovem, elemento apreciável nas touradas de amadores. Numa que se realizava fora de Lisboa, foi reconhecido pelo administrador, que amavelmente o convidou para almoçar e respeitosamente lhe perguntou se seu pai, então ministro, o autorizara, por escrito, como a lei exigia, para a intervenção de menores nas touradas. Arnaldo Ressano pretexou ser a licença no hotel, mas o administrador encarregou um policia de o acompanhar e de o não deixar saltar à arena sem antes apresentar a licença. E como ele não tinha tal licença, e o policia o custodiasse até na trincheira, Arnaldo Ressano desistiu de tourear, pelo menos naquele dia...

FESTA DA PRIMAVERA



O «Diário de Notícias» atirou, há dias, uma sugestão: uma festa para substituir o Carnaval — a Festa da Primavera. Ora o Entrudo é uma coisa — e a Festa da Primavera seria outra. Por sinal que, quem escreve estas linbas, lançou essa mesma ideia, há talvez duas dezenas de anos, no «Século» da noite. Era e, pelo que se vê, continua a ser uma ideia — que o Destino porventura condenou a ser efêmera como a própria Primavera...

U M A P R O M O Ç Ã O

QUANDO Augusto Pinto — poeta, jornalista e repórter de bom quilate — começou a evidenciar-se nas letras um amigo nosso, que muito o admira, perguntou-nos, com a maior convicção deste mundo:

— Você não lhe parece que este Pinto já tinha suficientes condições para ser promovido a galo?

Respondemos sem hesitar:

— Evidentemente. A galo de Apolo...

Decorreram alguns anos sobre este diálogo e não vemos, apesar de cada vez maior razão para tal, que Augusto Pinto — poeta, jornalista e repórter de bom quilate — tenha sido promovido ao posto que lhe competia. Pois vamos nós promovê-lo agora. Em nome de Apolo, senhor das Artes e das Letras, de hoje em diante Augusto Pinto, por alvará afixado nesta «Calçada», para que dele todos tomem sábio conhecimento, fica promovido a Augusto Galo, com tôdas as honras inerentes a este generalato. E mais determinamos que a sua boina preta seja substituída por uma crista encarnada — simbolo e bandeira de todos os galos... Assim se cumpra!



Os charutos DA RAINHA



N O ano de 1899 realizou-se em Lisboa, uma grande tourada cujo produto se destinava ao Instituto D. Afonso. A comissão organizadora presidida a rainha D. Maria Pia. Foi um acontecimento na Lisboa aristocrática da época. Os «ateliers» das mais afamadas modistas — a Aline, a Sandon — não tiveram mãos a medir. Os próprios toureiros quasi todos amadores, em vez de alugar os fatos, à antiga, nos guarda-roupas, mandaram-nos fazer expressamente no Amieiro e no Nunes Correia. Após a corrida, que decorreu no meio do mais vivo entusiasmo, os amadores e ganadeiros trataram de se preparar para o banquete que D. Maria Ihes oferecia no paço da Ajuda. O banquete principiou perto das onze da noite sentando-se, em volta da mesa, cheia de flores e de candelabros acesos, 68 convivas — entre os quais se contava Tomás de Eça Leal. Ao café D. Maria Pia distribuiu uma lembrança a cada um dos convivas — uma fosforeira de prata com um monograma em ouro e esmalte encimado pela coroa real. E ao oferecer-lha a Tomás de Eça Leal, perguntou-lhe:

— Não fuma?

— Saiba Vossa Majestade que fumo — respondeu êle.

— Então?... (e dirigindo-se ao seu oficial ás ordens): Ó Benjamim, manda servir charutos a êstes rapazes...

E como por encanto, dois lacaio, de casaca de seda e cabelo empoado, surgiram, estendendo a um e a outro açafates de prata onde se empilhavam enormes charutos, unq com estreitas anilhas coloridas, outros envoltos em papéis doirados...

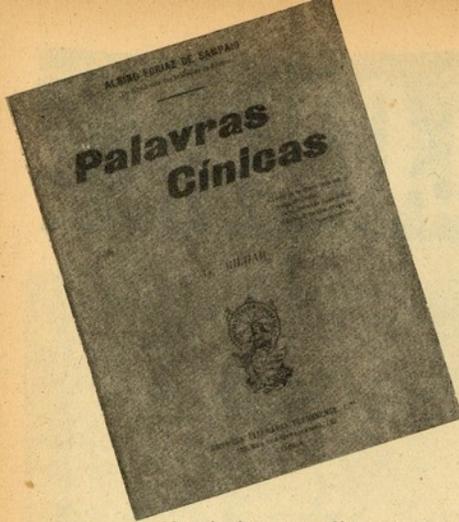
Foi há 46 anos! E ainda ontem Tomás de Eça Leal, ao recordar-nos o episódio, nos diz:

— Parece que foi ontem!

E depois, debruçando-se na sua própria saúde, acrescentou:

— Os poucos que restam de quantos entraram nessa festa hão-de recordar, como eu, saudosamente, êstes tempos de mocidade, de alegria, de despreocupação — e de bons charutos!

CARICATURA DE
SANTANA
BORGES
VINHETAS DE CORREIA



ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

AUTOR DAS «PALAVRAS CÍNICAS»

ENLOUQUECEU!

A BIBLIOTECA PARTICULAR DO ESCRITOR VAI SER LEILOADA



saltou-se com essas duzentas e tantas páginas, drásticas e conflagradoras, em que o escritor fôra sucessivamente alinhando pensamentos e conceitos sobre as baixezas do género humano, sobre a fealdade da vida.

Logo a opinião se dividiu, e a discussão fêz o êxito extraordinário da obra. Houve quem o achasse um inconoclasta, um fundibulário espalhafatoso; mas houve também quem visse nele um sereno observador da realidade da vida, um filósofo até.

O que é certo é que foi mercê desse livro que Forjaz de Sampaio, caixeiro de livraria e modesto empregado de Seguros, se guindou aos lugares do funcionalismo público, fêz uma viagem triunfal ao Brasil a pretexto de ler conferências aos brasileiros, e, finalmente, foi eleito sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Toda a sua carreira, de êxito em êxito, a ficou devendo a esse flamejante labeu à Sociedade, à Mulher e ao Homem, que tornou o seu nome decorado pelas multidões. Mas a vida não pára, não perdoo... E a notícia surpreendeu-nos no laconismo de um anúncio judicial publicado em «A República» de 14 de Dezembro último: Forjaz de Sampaio foi dado por interdito por sua família, em virtude do seu estado de demência. Procurámos, então, obter pormenores do drama que, aos 61 anos, veio ensombrar a existência do escritor que, com pouco mais de 20, de tudo se tinha rido, de tudo tinha escarnecido...

Foi assim: perdeu o seu lugar de funcionário público porque uma junta médica o deu por incapaz para o serviço, passando-o para a situação de reforma; não está já em estado de concluir os dois livros que tinha negociado com os editores — «Museus», um trabalho que se prendia com os tesouros artísticos portugueses, e «Volta a Portugal», uma panorâmica na senda das «Viagens da minha terra», de Garrett — pois o seu espírito só muito raramente tem um curto intervalo de lucidez. Albino Forjaz de Sampaio não morreu, mas o seu cérebro debate-se na angústiosa noite de uma idiotia incurável, como se a morte esperasse, num trágico sândismo, para fazê-lo sofrer em vida toda a dor que se pode sofrer.

Entre as poucas paixões da sua existência, conta-se a de colecionador — e os livros foram sempre para ele um motivo irresistível. Pois a sua biblioteca particular — mais de 40.000 volumes em que se contam algumas raridades bibliográficas — vai ser vendida em leilão por um livreiro do Calhariz, que está já a elaborar o respectivo catálogo!...



A «República» de 14 de Dezembro último, trazia este anúncio:

Assim, o escritor entrou na noite escura do esquecimento ainda com vida; e assim, o maior tesouro que reintra em tantos anos de trabalho — os seus livros — vão ser licitados por um progeiro e perder-se nas estantes dos que tenham dinheiro para comprá-los...

A meio da vida, Forjaz de Sampaio penitenciou-se dos caminhos trilhados na mocidade para a obtenção de êxitos editoriais; há livros seus que não parecem ter saído da mesma pena que escreveu «Palavras Cínicas» e «Crônicas Imorais» — mas o que construiu a sua popularidade foi a primeira edição do primeiro destes trabalhos, e o que a consolidou foram todas as outras edições do mesmo livro que sucessivamente foram impressas.

E agora, com 61 anos, a demência apoderou-se do seu cérebro, e, maquiavelicamente, abandonou-o de tempos a tempos, só por alguns minutos, como para lhe dar consciência de que está doido, de que é um inútil — de que já morreu embora respire ainda.

Desígnio da Providência, ou simples acaso da Fatalidade?

Seja como fôr, é impressionante: o autor das «Palavras Cínicas» endoideceu!

NOS primeiros anos deste atormentado século XX tornou-se súbitamente popular o nome de Albino Forjaz de Sampaio. Foi uma daquelas popularidades-relâmpago que, depois e a pouco e pouco, vão passando para não mais voltarem a atingir as culminâncias das suas primeiras manifestações.

Forjaz de Sampaio era poeta. Mas não foram os seus versos que lhe grangeraram o renome instantâneo que deslumbrou e afligiu Lisboa, fazendo agitar-se todo o burgo soalheiro num clamoroso arrepiro de indignação — foi um livro de prosa, intitulado (e muito bem...) «Palavras Cínicas». Lisboa de 1905 sobres-



Forjaz de Sampaio com o escritor brasileiro Oreste Barbosa, o autor de «Bum! Bum!» e «Na Prisão», dois livros que se esgotaram em seis dias!



A 12 de Janeiro de 1924, a bordo do «Massilia», tirou-se esta fotografia, quando da partida para o Brasil de Albino Forjaz de Sampaio, que se vê entre suas duas filhas. Estão também os jornalistas Pinto Quartim e Albino Lapa, e o jornalista brasileiro Oreste Barbosa.



Albino Forjaz de Sampaio, bibliotecário e arquivista do antigo Ministério do Pomento, recebe a visita do ministro António Maria da Silva e do dr. Aurélio da Costa Ferreira

Curiosidades



«...e comecei a perseguir aquela lindíssima borboleta, que voava irregularmente. Correndo atrás dela, fui-me aproximando de um dos maciços de árvores que limitavam a clareira em que nos encontrávamos. De súbito, ouvi à minha direita um ligeiro silvo, agudo e sibilante. Voltei a cabeça...»

IMPREVISTOS DE UMA CAÇADA ÀS BORBOLETAS UM CASO IMPRESSIONANTE DE DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL

AS quatro fotos que publicamos nesta página representam algumas imagens flagrantes de um perigosíssimo ataque, na floresta virgem brasileira. A maneira como foram obtidas estas cenas é digna de atenção e revela um caso estranho de «deformação profissional». Em 1935, uma das casas produtoras de filmes alemães enviou à América do Sul uma equipa composta de três dos seus melhores operadores, para ali realizar uma série de filmes culturais de curta metragem. Dois dos componentes dessa equipa eram irmãos, e o terceiro era o chefe da expedição. Filmava-se a caça a uma espécie raríssima de borboleta: um dos irmãos perseguia o pequenino animal multicolor, e o outro dava à manivela da máquina de filmar. Perto, o chefe da expedição observava o desenrolar da cena...

De súbito, a inofensiva caça à borboleta transformou-se numa tragédia que poderia ter custado a vida ao caçador — mas o irmão deste, operador cinematográfico profissional, não pensou sequer em salvá-lo: possuía inteiramente da paixão de obter cenas emocionantes e reais, continuou fazendo rodar a manivela da sua máquina de filmar, produzindo o filme a que mais tarde chamaria «O ataque da serpente» — sem sequer ponderar que essa película poderia custar a vida do irmão, ali mesmo, a dois passos dele!

O desenlace só não foi mortal porque o chefe da equipa se precipitou a tempo em defesa do «caçador de borboletas», salvando-o quando este sentia já a morte aproximar-se.

As legendas das fotos que publicamos são trechos das «Memórias» do protagonista desta imprevista caçada às borboletas tropicais.



«...mas nem tive tempo de compreender o que se passava: surgindo da densidade impenetrável do matagal, qualquer coisa de esguio e comprido se alongou para mim, repentinamente. Senti uma forte pancada numa das fontes, como um sóco dado com uma luva de «box».

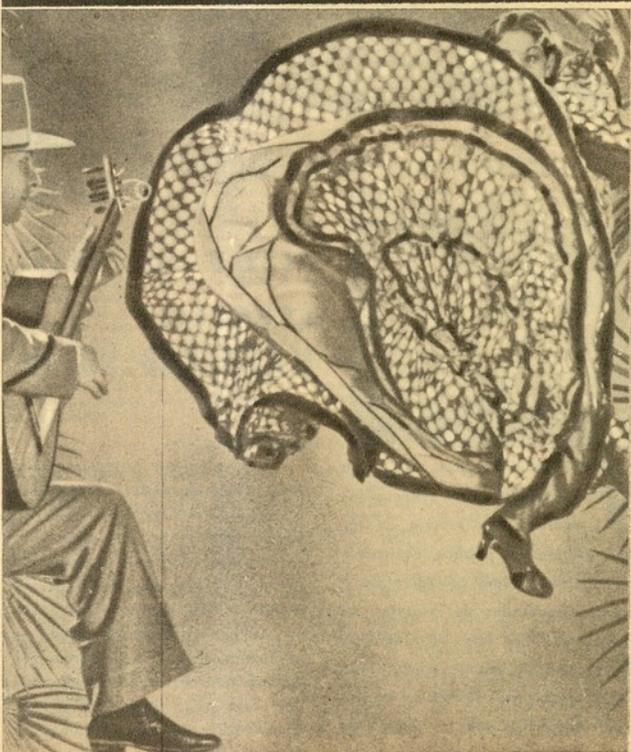


«Gritando a meu irmão por socorro, pretendi reagir e submeter a temível serpente. Consegui, com a mão direita, segurar-lhe a cabeça; mas o meu braço esquerdo estava imobilizado contra o corpo pelos músculos de aço do reptil. A pressão forte por mim exercida na cabeça do meu adversário, porém, pareceu-me que o enfraquecia ligeiramente — mas num momento compreendi que tudo estava perdido, pois a cobra buscava-me o pescoço para aí vibrar o apertado fatal...»



«Erausto, com a garganta apertada como se estivesse dependurado numa força, cai por terra, inteiramente sem forças. Depois, pareceu-me ouvir as vozes de meu irmão e do meu chefe, e comecei, sem saber como, a respirar livremente pela garganta dorida. Tinha ao pescoço uma «boa», com 5 metros de comprimento, não venenosa — mas que me deu a maior de todas as emoções da minha vida!»

ESTA É GRANADA!

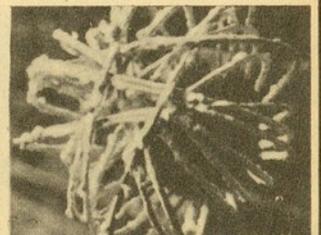
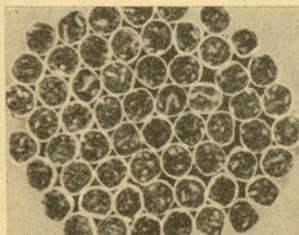


E NÃO PRECISA DE LEGENDA

A MAIOR COLECÇÃO DE FORMIGAS DO MUNDO ESTÁ NUM MUSEU BERLINENSE

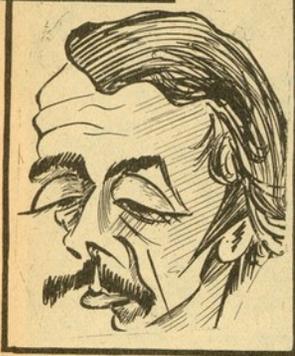
A mais extraordinária colecção de formigas do mundo inteiro, contendo exemplares das 3.500 espécies de formigas que são conhecidas pelos biólogos, foi reunida por um padre jesuíta holandês, Erich Vasmann, na cidade de Maestricht. Quando da ocupação da Holanda, o professor dr. Bishoff, do museu zoológico de Berlim, conseguiu levar aquela preciosidade científica para o célebre museu da capital do Reich, onde ainda se encontra — e onde os holandeses creem poder ir procurá-la em breve.

PARA AQUELES QUE DIZEM SABER TUDO...



O leitor, que se considera pessoa esperta, é capaz de dizer, sem voltar a página, o que reproduzem estas fotos? Não é? Então, queira voltar a página...

Um moço de cigarros e um batedor de claras...



DOIS MINUTOS DE CONVERSA COM COM PASSOS MAURÍCIO QUE EXPÕS NA CASA DAS BEIRAS

rente na sua arte — não segue escolas. Ele cria — é ele próprio, com a sua personalidade. Os seus trabalhos enfileiram ao lado dos consagrados nos museus de Arte Contemporânea, Machado de Castro, de Coimbra, Grão Vasco, de Viseu — e pode dizer-se que não há Câmara Municipal do país ou Comissão de Inicialiva e Turismo que não tenha adquirido qualquer estudo seu.

— A minha exposição, aberta ao público da capital, na Casa das Beiras, encerra para cima de cinquenta quadros. Alguns são óleos — e outros «nocturnos», a pastel. «Os «nocturnos», como não podia deixar de ser, fi-lhos escolhendo a velha Alfama e Mouraria, recantos humildes de becos onde se sofre e dedilhar uma guitarra.

— Já tinha exposto alguma vez em Lisboa?

— Sim. Em 1940 apresentei trabalhos na Casa do Alentejo. Fui feliz. O público acolheu-me com simpatia.

— Lembra-se da sua primeira exposição?

Passos Maurício, que tem trinta e oito anos — é costume dizer, com graça, que já viveu um século — sorri e responde logo:

— Não sou tão velho que já tenha perdido a memória. Em 1933,

apresentei os meus quadros ao público. Pode calcular que vivi horas de incerteza. Como iria reagir a crítica? Que preferência encontraria do público pelos meus trabalhos? Tudo, porém, correu com felicidade.

— E a sua exposição no Salão de Festas do Porto?

— Só lhe posso dizer que vendi todos os trabalhos...

Passos Maurício mostra-nos algumas críticas dos jornais do Porto. E no catálogo, original, há uma legenda expressiva: «Pintei quasi todas as terras portuguesas!».

«Dedicando sempre todo o meu sentimento artístico aos humildes e velhos bairros!»

«Julgo que para ser artista não é necessário sê-lo com um A grande! Não basta possuir só talento! É preciso também ser herói! Por isso esta minha exposição é em homenagem aos heróis da paleta que criaram uma escola sua!»

A entrevista muda de rumo. Fala-se da exposição da Casa das Beiras. E de outras exposições futuras — correndo mundo, pintando, sempre pintando. E para terminar, Passos Maurício diz-nos a sorrir:

— A vida não pode parar, porque isso é morrer. Há muito sol para nos encher de beleza — e muitos pontos para descobrir.



«Vilar do Paraíso» — Óleo de Nuno Tavares

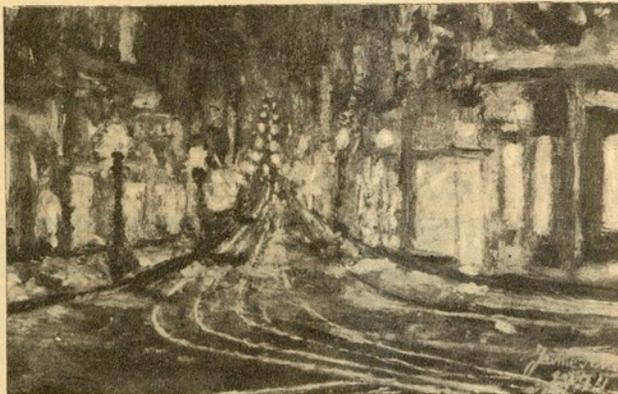
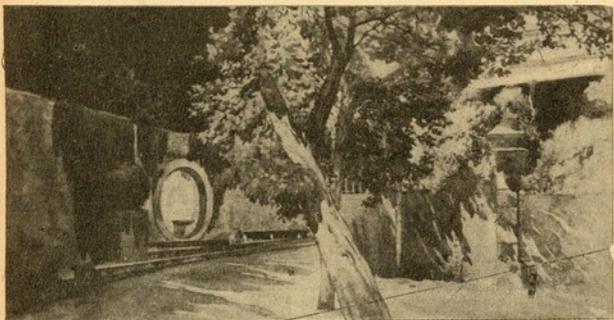
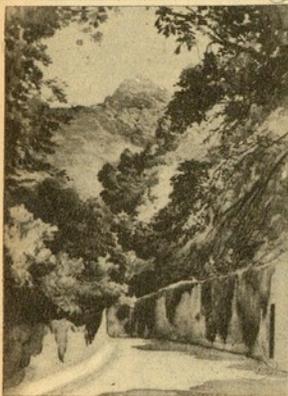
«Grito de luz no coração da cidade»
(Óleo de Jaime Ferreira)

PASSOS Maurício é um artista de rara sensibilidade que, pelo sentimento e lirismo da sua alma de poeta, sabe criar, na pintura, um mundo delicado de beleza. Poucos pintores, em Portugal, se têm apaixonado mais vivamente pelos «nocturnos» como Passos Maurício, que sente na noite, escura e tenebrosa, toda a chama de poesia e encanto. Um recanto de beco, a roupa a enxugar, uma sombra que desliza, torturada de fome, um candieiro de luz mortícia — eis a paisagem de vida, palpitando, no silêncio da noite, tragédias dos seus casebres.

Passos Maurício é beirão. Correu mundo, aventureiro, com a sua arte. Vendeu quadros em Paris, em Espanha, em Marrocos. Pintou todos os recantos de Portugal — desde o Minho ao Algarve. Irreve-

MÁRIO SALVADOR UM ARTISTA MODERNO

MÁRIO Salvador tem sabido, com uma bela persistência e um profundo amor à arte, subir os degraus de um caminho que, dia-a-dia, se vem definindo mais e melhor, através de produções que a crítica e o público não se recusam a enaltecer. De facto, Mário Salvador é um dos novos que mais possibilidades tem de atingir a plenitude da técnica e da criação artística. As reproduções que aqui damos são a prova do seu mérito — reconhecido pelo júri competente que lhe conferiu o 1.º prémio «Roque Gameiro». São três aquarelas frescas, deliciosas, que nos dão três aspectos de beleza sintense: «Sintra, eterna maravilha».



Teatro

DIGA O QUE PENSA! À CERCA DE MADALENA SOTTO



FERNANDO Santos, que vem hoje depor neste pequeno inquérito, não precisa de ser apresentado: o público conhece-o como pintor, como comediógrafo e como comentador de assuntos de teatro. Vai hoje falar de Madalena Sotto, uma das mais recentes e valiosas aquisições do teatro português. Ouçamos, pois, a opinião de Fernando Santos:

— Eu acho que Madalena Sotto é uma linda rapariga com altas qualidades para a cena que ainda não foram totalmente aproveitadas, e com muitos defeitos que ainda não foram completamente dominados. A grande virtude de Madalena... são os seus nervos; o grande defeito de Madalena... são os seus nervos. No dia em que ela os souber disciplinar será uma bela actriz. Por enquanto, e já não é pouco, é bela... e é actriz.



Guerra — Óleo de Mingachos

O PORTO E OS SEUS ARTISTAS NA ESCOLA DE BELAS ARTES

O Porto viveu alguns dias de entusiasmo, de discussão e efervescência artística: estava aberta a exposição anual dos alunos da Escola de Belas Artes — que era a terceira, e quase effectou no Salão de Festas do Coliseum. Apareceu gente nova, apareceu muita coisa boa e definitiva, lá estiveram aquêles que ensaiam os primeiros passos para um voo mais alto. Aquí damos — e não podemos, infelizmente, registar a presença de todos — alguns dos melhores e mais representativos desses expoitores.

NACIONAL "OTHELO"

EM primeiro lugar — aplausos à empresa do Nacional que meteu ombros à tarefa espinhosa de mostrar às gerações dos novos o que é uma peça de Shakespeare posta em cena. Depois, os prós e contras do espectáculo que a companhia e todos os elementos que para elle contribuíram evidenciaram numa peça tão complexa, tão cheia de grandiosidade, de retratos psicológicos e valores humanos documentados. O teatro, como a pintura, a arquitectura e — não falamos da literatura — é uma construção imperecível e granítica acessível à sensibilidade dos homens de todos os tempos, como acaba de se provar com esta reposição. Não vamos, porém, fazer aqui, em duas linhas, o elogio do texto. Achamos preferível fazer o elogio do espectáculo.

— Com um elenco deficiente e incompleto — prova-o esta representação — seria difícil uma melhor distribuição. Ainda assim, não se compreende bem que fosse Gamboa — e muito apreciamos este artista — a encarnar a perda do honesto Yago. E se lhe coube este papel, por que não se meteu dentro d'elle, em lugar de meter a personagem dentro da sua forma de representar? «Yago» é a figura mais extraordinária e complexa da peça. Gamboa não deu a intenção que as palavras pediam; foi um tagarela que nos lembrou às vezes o «Atrevido», no modo de representar... Enfim, passemos à figura principal da peça — principal pela responsabilidade e pelo brilho do desempenho: Alves da Cunha, que revelou aqui um estudo consciencioso e um brilhante temperamento artístico. Foi simples, foi humano, foi brutal e humilde; o complexo da figura foi traduzido com um poder de emoção que nenhum outro temperamento dramático, nenhuma outra sensibilidade artística dos nossos dias igualaria, entre nós. Enfim, olhemos essa doce figura de «Desdemona» que Madalena Sotto incarnou com raro poder de sedução — se ela estava linda! — mas com tão pouco poder de convicção. Não, Madalena não podia iludir ninguém: não podia incarnar essa sensível figura de amorosa e de inocente. Foi por isso que a sua «Desdemona» surgiu fria, convencional e apagada. Enfim, Raúl de Carvalho pareceu-nos deslocado, no «Rodrigo», «Cassio» teve justa interpretação em Luís Filipe, Manuel Correia demonstrou a boa escola a que pertence. Eunice Colbert, inexperiente e desvirtuada em papéis sem virtude, esteve longe de ser a «Emília» que a peça requeria: nem sagacidade nem estupidéz, nem maldade nem bondade. A alma de Emília é estéril como um deserto. E aí daquela que não souber dar esta ausência de si própria! Os restantes, que foram muitos, não foram os piores.

— Ao contrário de outras opiniões, a encenação e montagem pareceu-nos excepcional para o nosso meio, digna, mesmo, de para qualquer outro país. Pode ser menos solene e sombria do que a peça pede? Não vale a pena citar outras montagens que fizeram época. A peça sofreu amputações para se aplicar ao tempo. A montagem por que havia de ficar presa à tradição Shakespeareana? E qualquer coisa de belo, de rico. E essa beleza e riqueza está também nas «toilettes» sapientemente executadas para um espectáculo digno de uma grande capital — e que se devam a Lucien Donat.

NO M.ÁRIA VITÓRIA — «A INVASÃO»

José Galhardo, Vasco Santana e Carlos Lopes escreveram o libreto de uma opereta-fantasia, cheia de graça romântica e bom humor. De certo, há muita coisa em «Invasão» que pode considerar-se absurdo ou ligeiramente ilógico. Mas o facto, que é real, não pode ser considerado em desprimor do espectáculo, rico de côr. É, até, essa fantasia que cria, precisamente, alguns dos melhores momentos da opereta em boa hora levada à cena do Maria Vitória. E, desde que partimos do ponto de vista de que num espectáculo desta ordem o «texto» é apenas um pretexto para a côr, para a música e para o movimento — passemos sem desprimor, do libreto, da ideia da peça e da graça incontestável do diálogo para os outros elementos que compreendem o espectáculo:

— A dupla Mirita-Vasco são dois desses grandes elementos a destacar. Mirita «duplica-se» em dois papéis. E, conquanto a dobragem seja graciosa em ambos — excede-se em muito no papel de «Colette». A graça com que dança e canta algumas cançonetas e canções de gosto verdadeiramente «boilevardiers», o ar caricatural tão intrínseco que põe nas suas criações artísticas fazem de Mirita talvez a nossa melhor e mais completa artista de pendor grotesco. Vendo-a e ouvindo-a, pensamos na artista que Mirita seria num país em que o «music-hall» fosse um centro de pura diversão artística. Vasco é tão sóbrio e tão natural, obtém fácil-

(Continua na pág. 18)

OS RAPAZES DO "PROGRAMA DA MANHÃ"

REALIZARAM UM MILAGRE EM PORTUGAL: EMISSÕES DE RÁDIO ... RADIOFÓNICAS!

AS Artes pode atribuir-se uma pátria de origem: a Música, é alemã; a Pintura, flamenga; a Escultura, grega; e a Literatura, francesa. Pode, evidentemente, haver quem discorde destes cartões de nacionalidade para as artes citadas — mas o que ninguém poderá negar é que a Rádio é americana! Especificamente: norte-americana. E é verdade semelhante dizer que nós, portugueses, somos dos povos ditos civilizados, o que, por educação, está mais longe da América do Norte. E por isso mesmo que a nossa Rádio é uma coisa tão deplorável...

Vem isto a propósito de um já famoso «programa da manhã» que a Emissora Nacional começou há pouco a difundir — e que provocou, em Lisboa e na Província, uma clamorosa onda de entusiasmo. Porquê? Por esta razão tão simples: é um programa... radiofónico! Que é como quem diz: «a americana».

A nossa Rádio vivia ainda no acacial sistema do «acabaram de ouvir, estimados ouvintes». E, além do assustador «pirismo» dos nossos postos emissores, há a Burocracia. Sim, a Burocracia, senhora absoluta da vida nacional, despota a que já nos habituámos. Mais estranho se tornava, pois, que o célebre «programa da manhã» fosse para o ar dos estúdios da nossa estação oficial — da Emissora!

Fômos até lá, para investigar... E soubemos coisas que publicamos a seguir com o propósito de alegrar todos os radiofílos, pois se trata de um indicio de que, talvez, a Rádio passe a ser entre nós uma Arte compreendida e interpretada por pessoas capazes — capazes disso, bem entendido...

Quando entrávamos na Emissora, saíam três rapazes. Augusto Fraga, Francisco Mata e Pedro Moutinho. Perguntámos:

— De quem foi a ideia do «programa da manhã»?

— O locutor Pedro Moutinho, no hábito profissional de falar, respondeu-nos logo:

— Foi de António Ferro, que para isso convidou o Fraga...

— Responsabilizei-me pelo programa — diz-nos este — quando o Mata aceitou colaborar comigo...

— E eu aceitei quando se decidiu que o Pedro seria o nosso locutor...

Estávamos, portanto, em presença de uma equipa. Seria possível?... Admiradísimos por este progresso anti-burocrático, fomos a dizer qualquer coisa:

— Mas...

— Entre um bocadinho. Falamos lá dentro...

E subimos até ao «estúdio» de onde, todas as manhãs, é difundido o melhor programa da Rádio portuguesa — fomos a escrever: o único programa radiofónico que se transmite de Portugal...

Com os rapazes sentados diante de nós, fizemos uma triplíce-entrevista, da qual resultou ficarmos cientes de que António Ferro — que, na sua mocidade, foi um irreverente revolucionário — não perdeu facilidades com o correr dos anos, pois foi quem convidou um rapaz apto para organizar um programa, e quem aceitou as condições de trabalho que por esse rapaz lhe foram sugeridas. Assim, o «programa da manhã» é concebido e realizado fora dos moldes do funcionalismo público, numa íntima colaboração entre os componentes da equipa por elle responsável. E essa equipa é de gente nova, que sabe o que está a fazer! Mas o retumbante êxito do «programa da manhã» deve-se justamente à circunstância de, para a sua realização, se terem pôto de parte as telas de aranha e os obstrucionismos, que são, na generalidade, os factores salientes de qualquer realização lusitana. Foi o autor de «A Leviana» quem removeu essas velharias e quem decididamente atirou para a frente desse programa os nomes de três jovens, mas desses jovens de verdade, pois o são por terem poucos anos, e por terem mocidade — coisa que também vai rareando no nosso meio...

(Continua na pág. 18)

«THE BIG THREE» DA RÁDIO PORTUGUESA: FRANCISCO MATA, PEDRO MOUTINHO E AUGUSTO FRAGA





Uma luta formidável — porque o sêco também é o forte dos rapazes. E, pelos vistos, os circunstantes estão divertidíssimos...



Eh! pá, o «Cara Dura» é capaz de se ir abaixo das pernas!



O «Fava Rica» é o de bóina. Quando joga o «box», toma as coisas tão a sério que a luta se incendia.

O «FAVARICA» E O SOBRINHO DO ALBINO JOGAM O «BOX» MAS HA OUTROS QUE TAMBÉM TÊM PIADA...

POUCOS dos nossos escritores se têm inclinado sobre a alma dos rapazes. Ainda assim, Soeiro Pereira Gomes e, agora, Joaquim Ferrer, num livro admirável de franquia, puderam dar-nos alguma coisa da vida dos rapazes, das suas fantasias, dos seus gostos e conversas em comum.

O repórter, porém, que se lance à conquista do pitoresco por essa cidade fora há-de encontrar magníficas composições para uma bela reportagem. Seródio acompanhou-nos um dia destes pelos bairros de Lisboa.

Oh! garotada infernal que fazes a vida negra ao merceiro da esquina, à D. Celestina, aos gatos e cães, vâdlos como a tua alma vagabunda!

Quando fomos por aí fora à procura de assunto, à procura de imagens, encontrávamos às vezes um grupo de garotos gárrulos a jogar ao eixo. Mas, mal viam os ares investigadores de quem queria saber coisas da sua vida particular, logo, como uma onda de gafanhotos, desapareciam no pedaço de rua. E era, então, um puxado pela manga do casaco, caído na rasteira, que explicava o mistério daquele eclipse colectivo.

— Anda sempre por aí a rusga disfarçada!...
O sr. António merceiro, de guarda-pó manchado de azeite, que recebia agora mesmo os últimos contingentes para o mês de Fevereiro, veio à porta de punho erguido e cerrado.

— Patifes! A polícia já não pode com esta praga danada! Os vidros das janelas não resistem às bolas de pé de mela e às pedras das figas...

E, numa assomo de ira, porque o sr. António merceiro, que não tem mercearia para vender, expõe agora à porta belas dúzias de laranjas e cachos de bananas:

— É uma malandragem, mas a culpa têm-na as mães que os deixam andar na rua! Até as laranjas vôm! Até as laranjas vôm!...

Nós seguimos adiante. Não vale a pena insistir. A miúdagem sumiu-se pelas portas entreabertas e pelas voltas da esquina, não fôssemos nós ser da polícia à paisana...

Onde quer que apareça a bocarra de um atêrro, a rapaziada irreverente faz um parque de brincadeira: é o belindre, a chona, o aeroplano, precipita-se pelas barreiras, rasgando os fundos das calças e pondo em perigo a raçãozinha de sabão...

Em Campo de Ourique, porém, a rapaziada mostrou-se mais sociável: com dez tostões distribuídos colectivamente, prosseguiu a brincadeira...

Em toda a parte, porém, há um senhor indispsto que nos informa:

— É uma praga! Não caem nas profundas dos infernos! Veja só o que fizeram com o giz e o carvão a esta rica pintura!

(Continua na pág. 14)



O «aeroplano», consumo de solas e consôlo de sapateiros, é também um jogo predilecto de rapazes... e raparigas...



Estes são mais sossegados? Sim, estão a armar aviõezinhos de papel. Mas, daqui a pouco...



Donde veio tanta gente miúda? Em Campolide, quando jogam ao «eixo», até parece que são mais do que as mães. Mas estes, pelos modos, não são dos melhores «eixistas»...



Também estes estão longe de parecer os demónios vivos que de facto são. Porque as mães que se queixam dos «botões das calças», é que lá têm as suas razões, não é verdade?

NOS DOMÍNIOS
DA TÁTICA
SABE O
QUE É
UM COMBATE
AÉREO?



Os nervos retesados, os olhos fixos — que melhor prova de que o combate aéreo é um extraordinário feito comandado pelo cérebro?

A fantasia dos jornalistas e dos escritores induziu o público em geral numa concepção errada do que seja um combate aéreo, no estado actual da aviação. E o cinema completou essa obra de mistificação, apresentando uma série de películas «heróicas» em que os pilotos executam durante os combates as clássicas figuras de acrobacia que se fazem nos pacíficos torneios internacionais do ar, ou nas experiências de um prototipo saído das fábricas.

O piloto isolado, batendo-se no espaço sob os impulsos da sua legítima raiva e ânsia de matar para não morrer — desapareceu com o fim da guerra de 1914-18. Basta que se saiba que a actual unidade tática do combate aéreo não é o avião, mas a patrulha (geralmente de três aparelhos), para logo se corrigir essa errada noção da indiscriminada iniciativa pessoal, por uma outra, certa e dominante na luta aérea dos nossos dias — a da mais rígida disciplina, a da mais estreita colaboração entre os aparelhos da mesma patrulha.

El, conforme os casos especiais aos objectivos do ataque, as patrulhas deverão operar separadamente, ou apoiar-se umas às outras.

A patrulha é tão manejável como um só avião. Os três pilotos, em combate, cedem mais à astúcia e à cooperação entre si do que ao desespero ou ao desvario do antigo combate

singular. Não há lugar para a fantasia individual. Mantém no espaço e evoluem na mais estrita disciplina. As acrobacias são reduzidas ao mínimo, pois toda a posição anormal de um piloto diminui consideravelmente as aptidões combativas da patrulha; só em caso de extrema necessidade o piloto executa uma figura acrobática, e isto porque é ela o que mais rapidamente pode tirá-lo de uma situação de perigo. As antigas acrobacias estão para o moderno combate aéreo como uma vulgar cena de pancadaria está para um «match» de «box». Hoje, o piloto é um soldado especializado e vigilante que está no posto do comando de uma máquina de guerra — tal como o condutor de um «tank».

O caso mais típico dos actuais combates aéreos é o recontro entre caças-bombardeiros, que põe o problema das armas axiais fixas e das armas móveis. Sob um aspecto, uma formação de grandes pássaros que se deslocam em voo planado e certo; sob outro aspecto, uma revoada de andorinhas que se dirigem em todas as direcções pelos ângulos de tiro mais extraordinários. Que se passa? O chefe da esquadrilha determina os alvos aos chefes da patrulha, e... vão com Deus!... Cada patrulha vai, então, sustentar o seu próprio combate.

Os métodos de ataque variam

pouco. Procura-se ficar de cauda para o sol — se há sol... — e faz-se o possível para isolar alguns aparelhos da formação inimiga. Atrai-se a uns 200 metros, o máximo. Mas durante os poucos segundos à disposição, a patrulha dispõe de umas mil balas incendiárias ou perfurantes e uns cinquenta obuses! Os franceses têm um método de ataque preferido: o chefe da patrulha fica sobre o alvo, a 30 graus, aproximadamente; o segundo avião mergulha e reeleva-se, para atacar por baixo, enquanto o terceiro pica a 20 graus. A seguir, reagrupamento imediato e repetição do ataque. Em tempo, tal manobra representa apenas 10 segundos. A R. A. F. adoptou depressa este processo. Os alemães da «Luftwaffe», esses, atacam um a um, em fila indiana. As manobras de ataque e reagrupamento tornam-se ainda mais rápidas, e menos complicadas. A experiência demonstrou já a alta eficácia deste processo.

O caso complica-se muito quando os bombardeiros a atacar vôm protegidos por uma formação de caças. O atacante, que pretende interceptar o voo do inimigo, será então atacado, e interceptado ele próprio. Então, a luta trava-se de igual para igual.

No combate aéreo nocturno, o recontro — quando há recontro — limita-se a uma activa troca de projectéis luminosos. Existe, de facto, um problema: caça-nocturna ou D. C. A.? A questão continua aberta.

Sairá na próxima semana
o 1.º número de «Detective»
suplemento policial desta revista

ANIMADOS pelo desejo de fazer em Portugal alguma coisa de novo no campo do jornalismo, abalancámo-nos à realização de mais uma iniciativa: a publicação de um suplemento policial desta revista, cujo primeiro número deverá aparecer na próxima semana. «Detective» — é este o título do nosso suplemento — será um jornal curioso, vivo, palpante, feito nos moldes dos que, no género, existem lá fora.

Não poderá ter, evidentemente, o desenvolvimento e a projecção dos grandes «magazines» policiais de Londres ou de Nova-York. Um meio refractário como o nosso, e a restrita capacidade de compra e até de interesse pela leitura do nosso público, limitam as nossas possibilidades materiais. Mas será uma publicação original e cheia de imprevisto, destinada, sem dúvida, a satisfazer um grande sector do nosso público.

«Detective» inserirá, além dos melhores problemas policiais, inquéritos, contos e novelas, biografias, entrevistas — tudo quanto de mais curioso for possível reunir para agradar aos leitores portugueses amadores dessa especialidade.

Publicar-se-á quinzenalmente, pelo menos por enquanto, saindo com 16 páginas, bastante ilustradas, e impressas a duas cores.

Como suplemento, será distribuído gratuitamente a todos os assinantes desta revista. Aquêles que não forem nossos assinantes, não tendo, portanto, qualquer direito a usufruir esta vantagem, poderão comprá-lo avulso ao preço absolutamente acessível de 1\$50 o exemplar.

A realização literária de «Detective» confiamos-la a Repórter-Mistério, o conhecido colaborador da nossa antiga página de «Mistério e Aventura», que tanto êxito conseguiu alcançar no pequeno mundo dos nossos leitores. Um dos melhores jornalistas portugueses do seu género, esperamos que ele ponha ao serviço de «Detective» não só as suas reconhecidas qualidades literárias como o seu entusiasmo por um género de literatura que tem sabido cultivar, tanto no livro como no jornal, com bastante brilho e interesse.

O primeiro número do nosso suplemento policial será pôsto à venda em todo o país na próxima semana, em dia que será devidamente anunciado na imprensa diária.

•
AOS NOSSOS ASSINANTES

Tendo o preço avulso desta revista passado a ser, a partir deste número, de Esc. 1\$80, o custo das assinaturas de «Vida Mundial Ilustrada» passa também a sofrer o correspondente agravamento. No entanto, esse agravamento só será feito à medida que as respectivas assinaturas forem tendo o seu termo.

Mas, em compensação, os nossos assinantes ficarão tendo o benefício de receber gratuitamente o nosso suplemento policial, o que praticamente significa que apenas pelo custo de uma publicação passarão a receber duas.

E isto, só por si, representa uma vantagem de tal forma importante que estamos certos que nenhum dos nossos leitores deixará de a aproveitar e de a ter na devida conta.

No mundo da miudagem

(Continuação da pág. 13)

De facto, aquilo ficou um mimo: o sr. Pereira tinha mandado pintar a frontaria da casa naquele tom amarelo tão em moda e os bonecos obscenos logo lhe foram desaguisar a graça!

Enfim, o «Fava Rica» é surpreendido num formidável ataque de «box» com o sobrinho do jogador Albino. Ambos não somam uma dúzia de anos. Mas são tão ágeis, tão ardentes, tão cheios de boa técnica desportiva que, a vê-los, sempre se junta gente e canalha miúda.

Fazem-se apostas, o sr. João da Silva faz arbitragem e só não sabemos se há cobrança de miroses para o espectáculo impressionante dos seus «matches». Pagar podiam. Hoje a miudagem toda paga, porque ganha: vende jornais, faz um recado, apanha papéis velhos que vai vender aos trapelheiros. A febre do negócio attingiu todos, e os pequenos podem, assim, arranjar uns patacos para uns tantos cigarros, por um déles surripiados ao pai. E jogam depois a dinheiro: o botão, o malho, o beindre — oh! o tormento dos botões! — tudo isso é jogo sério que para ser legal só falta pagar imposto...

Há, naturalmente, os mais contundentes de espírito e que sofrem de belicose. Armam-se, então, de tricórion, de espingarda, brincam às guerras, batem-se a sôco e matam os pardais...

São o inferno das ruas. Mas que seriam as ruas tristes da cidade, sem a alegria irreverente dos rapazes — homenzinhos pequenos que também trabalham e ganham o pão duro amassado pelo Diabo?

Porque usa êsses bigodes?

(Continuação da pág. 16)

e os chapéus das senhoras; porque não há-de ser também com os bigodes? Talvez que ainda voltem a estar na moda...

E lá o deixámos, arquivada a sua criteriosa observação, para correremos à redacção de «O Século», onde esperávamos encontrar o nosso camarada Manuel das Neves. Mal o vimos, desfechámos:

— Porque usa você êsse bigode?

Atônito, o belo camarada que é Manuel das Neves, responde depois de certa hesitação:

— Porque uso êste bigode? Nem sei bem porquê. Talvez por hábito. Há perto de cinquenta anos que nos damos bem! Comemos no mesmo prato, bebemos pelo mesmo copo, dormimos na mesma cama. Tal camaradagem só a tumba desfará. E daí, talvez o use também para contrariar algumas pessoas que quando me vêem insistem por que me desfaça dêle. Pormenorizadamente, a resposta constituiria, quem sabe, um problema filosófico...

E aqui têm os leitores os depoimentos dos cinco há os suficientes — por êsse mundo fora. Mas famosos bigodes lisboetas de 1945 — de um expedidor e de um jornalista. Esperamos que êste inquérito-relâmpago não tenha como consequência que todo o fiel bicho-careta passe a usar bigodeira, com o objectivo de ser entrevistado... É que, a respeito de bigodes, apesar de poucos, já há os suficientes — por êsse mundo fora.

X.

SORTILÉGIO
DE LISBOA

(Continuação da pág. 3)

«a namorar uma olaia florida». Mas, de facto, Lisboa instila de quando em quando na minha alma uma tristeza tão estranha, um tal cansaço de lutar, e tão dolorosa consciência da inutilidade da esperança, que me gelam. Pois o livro de Bourbon e Menezes persuade-me de que não devo a Lisboa essas doentias presenças: — devo-as só a mim próprio. Desconsola-me essa persuasão? Não o nego. Consola-me, porém, a feliz certeza de que ela provém da mais sincera, da mais exacta, da mais formosa e convincente evocação de Lisboa que jamais li e admirei.

inventário & BALANÇOS



COM a autoridade e a serenidade devidas, o sr. capitão Duarte Marques levou para a Assembleia Nacional a discussão de um problema — menos de orgânica do que de outra natureza — das classes organizadas corporativamente. O sr. dr. Querubim Vale veio, depois, num discurso, em defesa do corporativismo, que, aliás, não tinha sido atacado na sua essência mas apreciado na sua aplicação, perante os problemas do mundo. A hora, de facto, é de sacrifícios. E o povo português tem sabido viver a sua quota. Mas, até que ponto deveremos deixar de estar de acordo com a notável apreciação do sr. capitão Duarte Marques? Eis a operação delicada na emergência: distinguir o trigo do joio, para que a semente a lançar à terra seja a mais pura e de melhor frutificação.



MA comissão de estudantes de Coimbra veio a Lisboa convidar o sr. ministro da Educação para assistir às tradicionais festas da Queima das Fitas. O sr. ministro disse que talvez fôsse, o sr. subsecretário da Educação disse que ia. Esses rapazes, que formam a juventude académica coimbrã, cheios de iniciativa e de boa-vontade, merecem, de facto, o apoio de

quantos compreendem o valor da sua juventude. Eis um programa que val entrar em realização imediata: uma viagem a Vigo e outras cidades da Galiza, um espectáculo no Porto. A primeira será levada a efeito pelo Orfeão Académico, o espectáculo será dado pelo Teatro dos Estudantes. E como se isto não bastasse, a comissão das festas da Queima das Fitas, que veio à nossa redacção apresentar-nos cumprimentos, ainda se propõe contratar uma famosa orquestra internacional — que nunca esteve em Portugal.



UM dos próximos números, «Vida Mundial Ilustrada» inicia a publicação de uma série de notáveis artigos, assinados pelo ilustre escritor belga sr. Pierre Gomme e que versarão um tema palpitante: «Os espíões de guerra». É um trabalho interessantíssimo, verdadeiro documento, a história da espionagem através dos séculos e durante ou fora das guerras. Temos a certeza de que os nossos leitores vão apreciar devidamente esta nova iniciativa de «Vida Mundial Ilustrada», e à qual nos referiremos ainda no próximo número, com uma grande soma de detalhes.



O sr. general Barros Rodrigues tomou posse do seu alto cargo de chefe do Estado-Maior do exército, numa cerimónia que se revestiu do significado e do brilho que lhe eram devidos. As palavras que o sr. general Barros Rodrigues proferiu são o testemunho do seu valor e da obra que se propõe realizar.



Foi simples mas nem por isso menos significativa a cerimónia de posse do sr. dr. Rosado Pinto que, há pouco, tomou conta do lugar de cirurgião pediátra dos Hospitais Cívicos de Lisboa. A cerimónia efectuou-se no gabinete do enfermeiro-mor, sr. dr. Alves Bocadas, que fez o logio do empossado.



Na foto, vemos o sr. ministro da Educação quando, há dias, inaugurou, no Palácio da Independência, o primeiro certame individual de Júlio Gil. Trata-se de uma pequena série de desenhos, valiosos pelo sentido que encerram e, ainda, pelo valor da obra que nos promete realizar a decidida vocação do seu autor.



Muitos dos rapazes do Círculo Artístico e Cultural Mário Augusto reúnem-se num almôço para festejar o 3.º aniversário da sua fundação e reafirmar os propósitos da sua existência como entidade artística. Aqui os vemos, durante a refeição.



O sr. subsecretário de Estado das Corporações presidiu, há dias, à sessão em que tomaram posse a Junta Central e a Comissão Consultiva das Casas do Povo. Contra um mundo de rotina e rotineiros processos de cultura rural, as Casas do Povo propõem-se fazer uma pequena revolução que os interessados poderão facilmente avaliar nas suas linhas gerais.



Eis os vencedores do Torneio de Tiro aos Pombos neste inverno de 1945. Contados da esquerda para a direita: Augusto Silva, Moura Bastos, engenheiro José Corado, Dr. Manuel de Carvalho e Dr. Jacinto Lopes, vencedores, respectivamente, das taças «C. I. T. P. E.» e «Gould», «Preparação», «Golf», «Vencedores», «Despedida» e «Inverno».

PORQUE USA ÊSSES

BIGODES?...

FIZEMOS ÊSTE SENSACIONAL INQUÉRITO E CHEGÁMOS Á CONCLUSÃO DE QUE... — MAS O MELHOR É LEREM

«(O) João» está assim em todas as tardes de sol, sentado à porta, tranquilamente, de bóia, cachimbo e bigodes...

OS bigodes são uma herança que o nosso século recebeu do anterior. Não o bigodinho cinéfilo que Hollywood exportou mais tarde, mas sim umas bigodanças hírsutas, quasi agressivas, que eram como uma exuberante e orgulhosa prova de virilidade. Porém, nestes tempos que correm, em que os chamados homens se vestem com malhas de séda, usam fatos azuis-celestes ou verde-alface, e têm

ademanos mais femininos que as mulheres, os tais bigodes viris e másculos foram desaparecendo, condenados por serem «feios», e deram lugar às caras escanhoadas, untadas de cremes, avulvadas de pó de talco, perfumadas com Colónia...

E nós quisemos ouvir os últimos abencerragens do bigode, para que nos dissessem as razões por que não acompanharam a evolução geral, sacrificando as protuberâncias capilares que fizeram as delícias da distante juventude das senhoras que têm hoje sessenta anos. Entre todos, avulta a figura do dr. Lopes de Oliveira, que deveria, pela sua categoria intelectual, ser nomeado presidente da Comissão dos Homens de Bigodes, se tal organismo vier a formar-se...

— Uso bigode porque sempre o usei. Habituei-me a ver a minha cara assim, sabe?... E acho uma falta de carácter isto das pessoas mudarem de cara... Compreende, não é verdade?...

E Lopes de Oliveira, num olhar sonhador que contrasta com o aspecto façanhudo dos seus bigodes, evoca tempos distantes:

— No meu tempo, a primeira barba feita e o primeiro cigarro, eram as emocionantes cerimónias da emancipação de um rapaz, aguardadas com alvoroço desde os primeiros anos da adolescência.

E o bigode, meu amigo, um orgulhoso atributo do sexo forte... Agora... Olhe: agora, nem sei como é: o senhor é que deve saber, que é deste tempo...

De facto, nós não usamos bigode — mas protestamos contra a insinuação sorridente do nosso entrevistado, que rematou:

— Só a duas coisas tenho sacrificado o bigode, e por o julgar um atributo de força e de orgulho: à doença e ao cárcere. Quando estou muito tempo doente, ou quando sou priso, rapo o bigode, tal como os exércitos em retirada guardam as suas bandeiras, para que não constituam gáudio para o inimigo. Mas logo que o organismo triunfante domina a moléstia, ou que volto a respirar ao sol da liberdade, deixo crescer, com orgulho, os meus bigodes de homem! Ai tem.

Da «Brasileira» do Chiado, fomos ao Parque Mayer. E lá encontramos «o João»...

O João Borges é uma figura lisboeta, hoje só do mundo boémio que conhece o seu restaurante ali ao lado do Teatro Maria Vitória, e do mundo desportivo que conhece a sua idolatria pelo Benfica. Já lá vai o tempo em que «o João» era conhecido também noutros meios...

Encontrámo-lo, como todas as tardes, sentado à porta do seu estabelecimento. Gozava regaladamente uma réstea do sol doirado e saboreava com delícia o seu inseparável cachimbo. Preguntámos-lhe:

— Ouve lá: ainda é do Benfica?

— Pois julgas que mudo de côrs' dia sim, dia não, como agora é moda?... Pois claro que continuo a ser o que sempre fui, de lá por onde der!...

E arregalou os seus olhos claros numa indignação por termos admitido que tivesse mudado... de clube.

— E porque usas tu êsse bigode?

— Ora essa?! Pela mesma razão que continuo a ser do Benfica! Nunca o rapei, na vida toda! Volta e meia vou a uma ponta, e zás: lá vai um bocadinho, que é para não ser demasiado... Mas lá sem bigode é que não me apanham! Além disso, uso-o porque é meu, e ninguém tem nada com isso, percebes? Ou tem que se pagar alguma coisa para usar bigode?... Ora as perguntas que fazem, hein!?

Um «eléctrico» transportou-nos então, em tormentosa viagem, até ao Largo da Graça — e lá surpreendemos em plena faina de arrelhar os passageiros, como mandam os regulamentos, o expeditor Silva. Lisboa conhece-o, de quando êle trabalhava no Rossio, com os seus olhos que parecem carbúnculos, com a sua voz de trovão, e com os seus bigodes que ainda não perderam a impertinência e a agressividade que tinham nos tempos da sua juventude.

— Porque usa bigode?

O funcionário detém-se no anotar de uma hora para a partida de um dos seis «eléctricos» que estão parados no largo, olha-nos com desconfiança, e inquire por sua vez:

— E o senhor: porque não usa?

— Porque não gosto.

Pois eu uso, porque gosto! — e o seu rosto avermelhou-se na força com que apitou a «partida» para um dos carros.

Apresámo-nos em trepar a plataforma do veículo amarelo, no indifinido recio de que o austero expeditor se houvesse escandalizado com o que lhe pareceu uma irreverência da nossa parte — e ainda o ouvimos murmurar:

— Já nem uma pessoa pode ter bigodes...

Mais amável, em compensação, foi o José Elias (não confundir com o grande Elias...). Êste foi, modestamente e durante 35 anos, porteiro agalado do Hotel Europa, aqui à praça Luísa de Camões. Recebeu-nos com um sorriso de bonomia:

— Sim, senhor, lá estive no hotel durante 35 anos, e sempre de bigodes... E olhe que ninguém se queixou...

— Mas, porque usa isso? Já ninguém tem...

— Ora essa? Tenho eu! E há mais quem tenha, oh! se há... O senhor é muito novo, por isso talvez não saiba... Mas olhe que nisto de modas, as mais das vezes, volta-se atrás. E assim com os vestidos

(Continua na pág.)



José Elias, 35 anos porteiro de hotel, acredita que as modas vão e voltam...



Este é o expeditor Silva. Podem vê-lo no largo da Graça, a «expedir» os «eléctricos» segundo os misteriosos horários da Carris.



Manuel das Neves, antigo jornalista de «O Século», um mal-encarado com alma de pomba



Dr. Lopes de Oliveira, o nosso indignado para a presidência da Comissão dos Homens dos Bigodes

UMA FESTA DE PRÍNCIPES BRASILEIROS

entre as palmeiras do Estoril

Lusitânia Expresso já os levou para Espanha e ainda passa no ar o som da graça e o perfume dessa festa altamente aristocrática...



D. Maria de La Esperanza, princesa espanhola pelo sangue e brasileira pelo casamento, ofereceu, com seu espôso, o príncipe D. Pedro de Bragança — de sangue português — uma linda festa aos senhores de Portugal.. Senhores pelo espírito e pelo sangue nobre. Eram cerca de três centenas de pessoas que perpassaram pelos lindos jardins do sr. Antônio de Sousa Lara, e que ali foram a convite dos príncipes brasileiros, para uma retribuição de homenagens prestadas aos dois noivos ilustres.

A Casa de Aljubarrota, no Estoril, está agora mais calma. Mas no espírito daqueles que estiveram na linda festa perdura o garbo de um príncipe e o sorriso de uma princesa que, braços dados à sua felicidade, partiram já para Espanha, saudados dos portugueses...

Lado a lado, os príncipes de Orleans e Bragança, fazem as honras da casa



Neste recanto, Antônio Ferro e sua esposa, Fernanda de Castro, conversam com outros convidados...



A senhora embaixatriz de Espanha, gentilíssima e elegante, fez sucesso com um chapéu original...

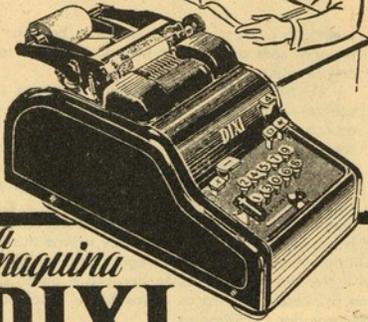


São 6,30. Há meia hora que os convidados começaram as suas despedidas. O sr. conde e a sr.ª condessa de Monte Real retiram-se. Entretanto, o sr. dr. Rui Ulrich que dirá neste grupo de senhoras, aqui à direita?



Altos assuntos de Estado ou de política? O sr. embaixador do Brasil, Dr. Neves da Fontoura, conversa animadamente...

*Não cance
o cérebro*



«a
maquina
DIXI

RESOLVE OS SEUS PRO-
BLEMAS DE CÁLCULO

SOMA • SUBTRAI • MULTIPLICA

E REGISTA NO PAPEL TÔDAS
AS OPERAÇÕES QUE FAZ

É IMPRESCINDÍVEL EM TODOS OS ESCRITÓRIOS,
CONSTITUI O AUXILIAR INDISPENSÁVEL DUMA
CONTABILIDADE MODERNA E EFICIENTE.

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:

SUL: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
RUA DOS FANQUEIROS 250 2.º E LISBOA

NORTE: SANCHEZ & NETO, LDA.
RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 310, 2.º PÓRTO

UMA MEIA MEIA FEITA
OUTRA MEIA POR FAZER
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA
MUITO TERA QUE COZER.

Meia de Vidro

RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA

O Livro do Momento

**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

Por RAFAEL MARÇAL



FUMADORES

Podem fumar hoje mais que
nunca e ficar com os dentes
como tições, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e
brilhantes em alguns minutos
apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um
tubo, 10\$00. Agente geral para
Portugal e Espanha: J. Santos,
Rua Santo Ildefonso, 29 — Fôrto.
Representantes em Lisboa: Agên-
cia Comercial F. V. F. L., Rua
dos Fanqueiros, 135, 3.º Dir.º.
Telefone 43582.

Os rapazes do "programa da manhã"

(Continuação da pág. 1)

— Os programas são previamente submetidos ao «visto» de quem de direito, como não podia deixar de ser. No entanto, até agora, ainda não nos foi feito reparo algum, e deram-nos uma absoluta liberdade de acção...

— Pretendemos fazer programas agradáveis, que comuniquem com o ouvinte pela intenção e não pelo fastidioso, pelo humor e não pela graça; que distraiam e tenham a sua pontinha de utilidade; que disponham bem e não irritem. Se o ouvinte sorrir quando nos escuta, e começar o seu dia predisposto para encarar com optimismo e ligeireza os aborrecimentos que a vida reserva a toda a gente, cumprimos bem a nossa missão...

— Gostaríamos de incluir mais música portuguesa nos programas. Mas no flocloro nacional, embora esteja oficialmente decidido tratar-se de uma coisa de primeira ordem, não encontramos motivos, nem execuções, à altura dos que usamos, e que são estrangeiros. Quando aos nossos compositores, e às nossas orquestras, começar a ser dado o amparo e o fôlego que foi agora concedido à nossa Rádio, talvez não seja impossível encontrar algumas gravações que mereçam ser intercaladas entre aquelas que transmitimos actualmente...

— O Pedro Moutinho tem sido o intérprete ideal para o nosso programa, um pouco «louco» talvez, mas que pretendemos venha a tornar-se o companheiro inseparável dos ouvintes. O seu poder de adaptação às circunstâncias, a sua facilidade de improvisar; de se sair das situações, tornaram-no realmente a «vedeta» do programa...

Mas logo o visado nos lembra:

— A propósito de «vedetas» não deixes de referir «a aplaudida marmota» e os «riquissimos» e barométricos bigodes que ao Borda d'Água deu o tio Miguel, duas das atracções a que se deve o êxito do programa...

Augusto Fraga esclarece:

— Temos dois colaboradores literários que muito nos coadjuvam: o Rodrigues Rocha e o Redondo Júnior. Tênicamente, somos assistidos pela competência e pela boa-vontade de Raúl de Aguiar e João Prudêncio. E todos nós nos entendemos à maravilha e trabalhamos em perfeita camaradagem.

E aqui têm os leitores o segredo d'esses belos e inteligentes momentos radiofónicos que todos os dias a Emissora leva às vossas casas. São os três rapazes do «programa da manhã» quem os executa, a despeito de uma guerra surda que os incompetentes e os invejosos lhes moveram de início, e que apenas amainou perante o estrondoso êxito obtido. Mas, à primeira «escoregadeia», logo essa guerra ressurgirá, para os atingir na criação de dificuldades e na urdidura de intrigas, que constituem a única actividade em que são peritos — os inúteis...

E, pois que dizem agradecer tôdas as sugestões, aqui lhes deixamos esta:

— Não seria conveniente que o «noticiário sério» do programa da manhã fosse dito por outro locutor, sem prescindir, evidentemente, de Pedro Moutinho, para todo o aspecto bem disposto da emissão?

Foi esta pergunta que nos ocorreu à saída da Emissora, quando presenciámos a única coisa chocante desta visita a um «estúdio» radiofónico, de onde se emite um programa... radiofónico — o Fernando Mata mexeu num aparelho embudido na parede, tocou uma campainha irritante e rabiscou qualquer coisa com um lápis — um lápis amarrado por uma corrente!...

— O que é isso?

— Assinel o «ponto» — gemeu ele.

E só isso nos fez reentrar na realidade, e nos trouxe à memória, numa rápida associação de idéias, um outro programa — o programa para a colónia portuguesa dos Estados Unidos da América do Norte, em ondas curtas... Esse programa, sim, é que está de acôrdo com a caixa do «ponto», e com a Burocracia — felizmente, não chega a ser ouvido por aquêles a quem se destina...

NOTAS DE ESTREIA

(Continuação da pág. 11)

mente tão belos efeitos de graça, sem perder a sua boa linha caricatural, que bem merece as preferências do público, sempre que, como Mirita, se lembra de que não deve transigir com o público baixo. Ao lado dos dois, Armando Machado deu a réplica do bom humor e do bom teatro cómico, não devendo esquecer-nos Rosina Rêgo, que assim completa o quarteto hilariante. João Nazaré, que começa a saber mexer-se no palco, tem boa voz e boa figura — o mesmo podendo dizer-se de Domingos Marques, que não sabe, todavia, representar ainda. Como ele canta mal a canção do 2.º acto: *Enfim, Natália Viana canta duas canções com graça mas muito esforço, e Alberto Ghira, Rafael Alves, Sales Ribeiro, Tarquinio Vieira, Constantino de Carvalho, todos da velha guarda, completam um quadro de gente nova, onde avulta Rui Ferrão, que ainda desta vez ficou à espera do papel que é capaz de fazer.*

— As maquetas são de Pinto de Campos e Ernâni, e os figurinos trazem a mesma assinatura. Assinalemos a fantasia e o bom gosto que presidiram a uns e outros, embora haja pequenos senões a apontar, como na estalagem, onde as pipas de vinho devoram as plumas de Mirita — aliás muito bem vestida neste e noutros quadros. Só é pena que aquêles capidó cor-de-rosa não seja mais elegante...

— A música, de Raúl Ferrão, Fernando Carvalho e Fausto Caldeira, tem momentos de muita felicidade que vão ficar no ouvido do público e na boca dos cegos — a consagração máxima das partituras populares. As cenas foram ensaiadas por Vasco Santana, e Piero pôs o dedo grande em todo o espectáculo, que é colorido, mezido, pitoresco e gracioso. Só nos pareceu que alguns conjuntos não se movimentaram como deviam. Em suma: um bom e bonito espectáculo que a empresa António de Macedo nos quis dar e que o público não deve deixar de ir ver.

E S P E C T A T O R

Cacilda Figueira

AV. ORIENTAL, 20, 3.º, Esq.
(Junto das Avenidas: Fontes
Pereira de Melo e António
Augusto de Aguiar)
Tem elevador Telef. 40909

CHAPÉUS ★ ALTA COSTURA

JORNAL DE BORDO



IM, Henri Rousseau tinha razão ao pintar as árvores, fôlha por fôlha, as casas pedra por pedra, e até seria para um narrador uma grande vantagem, se êle se desse ao trabalho de descrever os homens palavra por palavra, segundo por segundo...

E, assim, começaria a descrição que me proponho fazer... Mas, tal e qual como aqueles policas que hesitam em escurecer o papel e fazem cem arabescos no ar, antes de desenhar a primeira perna de um R, eu tenho medo de confundir o presente preâmbulo com êstes rodeios da pena. E talvez pensem que eu teinho até receio de entrar a contar esta história que é a minha...

Enfim, vou apresentar a primeira figura dêste drama. Mas, antes, algumas palavras a respeito do caso. Tenho horror — e quem o não sente? — das lamechias que os auto-biógrafos, com o seu «eus constante, impõem aos seus leitores. E, assim, permito-me falar de mim na terceira pessoa — o que deixará àquêles que percorrerem estas linhas, a liberdade de escolher as suas antipatias.

* * *

A 15 de Maio, pelas 13 horas, três homens embarcaram no «yacht» «L'Astarée». Lá estavam: Charles Morgan, que desempenhava funções de capitão; Jacques Janier, que era o organizador da viagem; e Paul Néfrac, o dono do barquito e que desempenhava funções de timoneiro.

«L'Astarée» aproveitava o dia para se dis-tanciar da costa, tal qual como se se tratasse de um elegante barco de cabotagem e desde o cair da tarde que se fizera ao largo.

A noite, muito mediterrânica, parecia um daqueles gigantes fundos cinematográficos que os decoradores sem imaginação pontilham de milhares de luzes. O diálogo dos três homens, como a música da rádio que nos vinha da cabina, crlava, com a sedução da noite, o clima para um filme de aventuras no género daqueles que, em certas salas, fazem o maior sucesso.

— Todas as luzes foram apagadas?

— Atenção, há uma luz a bombordo!

— Acelerem o andamento... Silêncio...

...E era todo um diálogo de contrabandistas...

A idéia fôra de Paul. Havia 400 caixas de tabaco a procurar na ilha de N... a quatro dias do mar da costa! Quasi cem mil francos de lucro para cada um. Era certo, entretanto: o mar podia enfurecer-se de repente contra aquela casca de noz e havia, ainda, as patrulhas do mar...

— Uma probabilidade contra cem, de ser bem sucedido — tinha dito Janier.

* * *

A Tê ao momento tudo tinha corrido bem. Na ilha, o tabaco fôra embarcado e foi na manhã do quinto dia, já no caminho do regresso, que se desenrolou, bruscamente, o grande drama. Foi como se se partisse bruscamente o fio frágil que ligava êstes homens.

Néfrac tinha uma irmã. Chamava-se Françoise e era uma estranha e pálida rapariguinha de gestos angulosos. Janier estava apaixonado por ela, e Morgan talvez o estivesse ainda. A discussão começou, então, por esta coisa fôra: por causa de uma palavra amiga que Françoise mandou a Morgan, e que seu irmão confidenciou a Janier.

Aqui é que era preciso coragem para pôr, logo de princípio, as coisas no seu lugar e

compreender o que fôra o complicado amor de Françoise e Janier, para saber, enfim, se êle tinha o direito de se zangar... (Mas a coragem falta ao narrador e a narrativa exacta que vai fazer desta história que êle próprio viveu, não se sabe, mesmo, se poderá ser acabada...).

* * *

NÉFRAC tinha bebido um pouco e até parecia que se alegrava de ver os dois homens pegados por causa da irmã. Morgan compreendeu e atirou para a discussão:

— Néfrac, se tu continuas com essa brincadeira juro-te que atiramos contigo à água. És fraquinho para lutar contra nós e, então, podes crer, lá se vai a tua vida.

Êste discurso era vulgar. Mas teve o condão de irritar Néfrac que colocava, acima de tudo, o dinheiro e aquilo de que procurava no regresso das viagens: um mês de excentricidades pelos «bars» do cais.

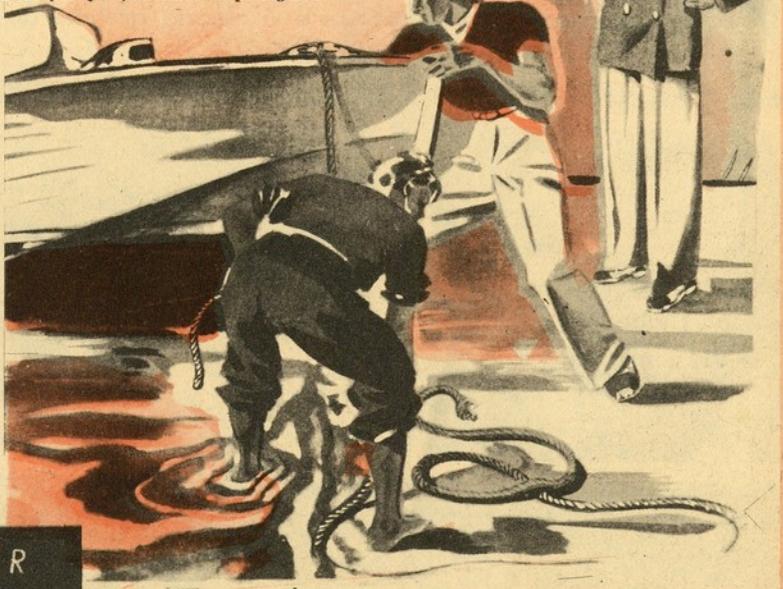
Por isso gritou:

— Bem sei que lhes devo muito, mas é bom que não te esqueças, capitão, que o barco é meu!

(Desculpem o narrador da simplicidade com que descreve os factos e, ainda, da forma como passa sobre êles e sobre as muitas mais palavras trocadas, para dizer que, neste momento, jaz estendido no fundo da cabina um dos seus companheiros).

Janier, desesperado de ciúme, tomou o partido do irmão de Françoise, de modo que, no momento em que os companheiros iam a atirar-se um ao outro, êle interveio. O capitão conhecia bem Janier e sabia que êle andava armado. Portanto, não duvidava de que iria disparar... O seu medo transformou em raiva e cólera contra Janier. De um ar indiferente, contornou o «roof» de maneira a ficar por detrás dêle. Sobre a ponte, havia um barril de gasolina: a reserva para a viagem de regresso... E, então, passou-se esta coisa extraordinária: alguém lançou à água o bidão de gasolina...

Êste fez um «bah!» enorme e ridículo. Mas isso era matá-los aos dois — e a si próprios... Porque, a menos que se desse um milagre, longe como se encontravam das linhas de navegação, «L'Astarée», privado de carburante, não tinha nenhuma probabilidade de ser auxiliado por qualquer barco de passageiros.



* * *

HAVIA, pois, três homens sobre «L'Astarée». Pouco importa saber quem empurrou o barril; cada um dos presentes podia tê-lo feito. Quantos desesperos de amor, de ódio, de raiva não conduziram os homens para êstes actos degradantes. Escrevo estas linhas e calo o nome de nosso assassino, para que, se se lhe recolher o corpo, nenhum ou nenhuma daqueles que nos espera possa um dia...

Lançado ao mar a 17 de Abril de 19....

* * *

FOI um capitão espanhol quem descobriu êste documento, escrito à máquina, amarrado entre as fôlhas do livro de bordo e que copiou para o signatário destas linhas. O capitão acrescentou que o autor dêste depoimento tinha, com certeza, caído demente, antes de acabar de escrever; porque as fôlhas estavam consteladas de desenhos estranhos, representando três homens pendurados de um barco.

NOVELA POR
JEAN RIEU



COMEÇAR PELO PRINCÍPIO

O problema da protecção ao cinema nacional não se resolve apenas com dois ou três diplomas, por mais bem intencionados que sejam. Há factores que estão na raiz da situação difícil que lhe foi criada — e deles depende, em grande parte, a possibilidade da indústria enveredar por melhor caminho. Sem buscar a solução apropriada, serão forçosamente precárias todas as medidas postas em prática. E isto porque continua a ser difícil começar a construir uma casa pelo telhado.

Citemos apenas dois aspectos do problema: o número dos cinemas do país mantém-se sensivelmente o mesmo, de há muitos anos para cá. O número de firmas importadoras duplicou, no mesmo lapso de tempo. O mercado não se ampliou na medida em que foi invadido pelo produto. O aspecto económico não nos interessa focar de momento. Porque queremos apenas analisar a situação criada ao cinema português.

Duzentos e cinquenta cinemas espalhados pelo país constituem um mercado insuficiente para o filme nacional. Outro tanto não acontece com o filme estrangeiro, que encontra nêles possibilidades de realizar um bom negócio. Posta a questão neste pé e até porque foram sucessivamente concedidos alvarás a novas firmas importadoras, parece à primeira vista que se deveria fomentar a construção de novas salas. Pois, muito pelo contrário, pelas burocráticas exigências de toda a ordem — têm obstado à valorização do mercado cinematográfico português. A circunstância de só ser autorizada a construção de «Cine-Teatros», com prejuízo de todos os projectos para salas destinadas exclusivamente à exhibição, conta-se no número dos maiores obstáculos à sua expansão e desenvolvimento.

O número de salas de que dispomos chega escassamente para amortizar um filme português, mesmo que seja um êxito. Logo que a película não consiga obter o favor de todos os sectores do público, está condenada a uma carreira deficitária. Industrialmente, a situação é trágica, sobretudo se atentarmos nas contingências de toda a ordem que comandam os valores do espectáculo cinematográfico. E enquanto não se modificar, o cinema português lutará sempre, ingloriamente, contra o seu maior inimigo, um mercado interno, que o asfixia. Os baixos de orçamento podem prolongar-lhe a penosa vida que tem arrastada ao longo dos últimos onze anos. Mas não lhe permitirão progredir, triunfar, robustecer-se.

Fomentar a construção de novas salas por esse país fora — é assegurar ao cinema português possibilidades industriais — ou, o mesmo é dizer, possibilidades de existência. O que não impede evidentemente a promulgação cumulativa das necessárias medidas, tendentes a elevar-lhe o nível técnico, a prestigiá-lo e protegê-lo.

FERNANDO FRAGOSO

Se tivéssemos que escolher um cartaz de verão, íamos buscar esta foto de Margaret Landry. Porque nenhuma outra nos evoca tão intensamente, as manhãs de sol, as areias douradas, o mar azul coalhado de velas brancas... A beleza bárbara desta mulher, que parece rir-se do conceito académico, traz consigo o perfume dos frutos sazonados e a alegria gritante dos dias de verão.

OS MARIDOS DAS ESTRELAS



Sonia Henie e o capitão Dan Topping caminhavam, há dias, alguns milhares de quilómetros, à beira da fronteira do Canadá, ela de Nova-York, para se encontrarem na sua casa, em Laguna Beach, na Califórnia. Não se viam, havia meses! E na face dos dois, reflecte-se a alegria do encontro! Embora patinadora, Sonia não é uma mulher de gelo...



São capazes de a reconhecer? Talvez não! E sabem porquê? Porque estão habituados a vê-la com a madeixa dourada, tapando-lhe o olho esquerdo. Mas essa é a Veronika Lake do cinema. Porque a Veronika da vida real usa o cabelo penteado da forma normal, tal como aqui a vêem ao lado de seu marido, o figurinista da Metro, John Dettlie.

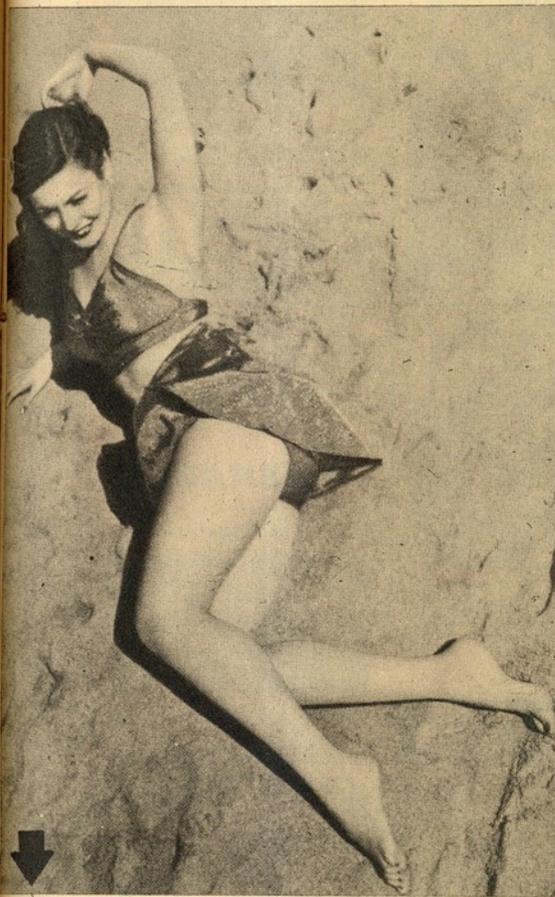


Dizia-se que William Powell estava muito doente — e que dificilmente poderia regressar ao cinema. Mas Powell, um dos grandes «D. Juans» da Cineslândia, casou-se com a jovem Diana Lewis, que já vimos no cinema — e reconquistou a saúde e a felicidade. A objectiva do fotógrafo surpreendeu o casal num cinema de Los Angeles, quando assistiam, incógnitos, à apresentação de uma fita.

O cão — é o da esquerda!...



BOB Hope tem esta fotografia ampliada, na parede de honra da sua sala de estar. «Blagueur» impenitente, costuma mostrá-la às visitas, com esta advertência: «Atenção! Reparem bem! O cão — é o da esquerda!»...



OS grandes costureiros americanos organizaram recentemente um concurso de pijamas. O modelo mais atraente foi adquirido por Deanna Durbin, que não resistiu à tentação de se fotografar com êle. Bons tempos, os das camisas de sêda, com rendas de alto preço. A guerra influenciou a moda. E êste pijama, em boa verdade, mais parece o fato de macaco da operária de uma fábrica de munições.



SE quiséssemos uma legenda para esta foto poderíamos escrever: «Areios ardentes». Nas doiradas praias da Califórnia, com uma temperatura — e um traje — paradisíacos, Gene Tierney toma o seu banho de sol...

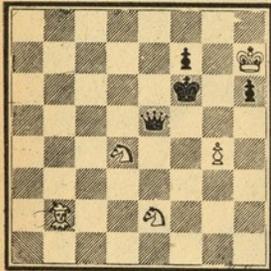
**UM PIJAMA OU UM
“FATO DE MACACO”?**



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 2.º — LISBOA



ESTUDO N.º 14

Por José Mandil (Barcelona)

Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 13

1. e7, a2. e8=D, a1=D: 3g8+ Rh6 (se 3... Rxf6, 4. Dh3+); 4. Dh5+, Rg6 (se 4... Rg5, 5. Ce4+); 5. Dh5+, Rg7; 6. Dh7+, Rf8; 7. Dg8+, Re7; 8. De8+, Rd6; 9. Ce4+, Rd5; 10. Dc6+, forçando o rei preto a ocupar a diagonal e, portanto, o ganho.

PARTIDA DE XADREZ

Abertura Catalã

Branças (Flohr)	1	Preto (Capablanca)	
d2—d4		Cg8—f6	
c2—c4	2	e7—e6	

XADREZ

g2—g3	3	Af8—b4+	
Dc1—d2	4	Dd8—e7	
Af1—g2	5	Cb8—c6	
Cg1—f3	6	Cf6—e4	
O—O	7	Ce4 x d2	
Cb1 x d2	8	Ab4 x d2	
Dd1 x d2	9	O—O	
d4—d5!	10	Cc6—d8	
d5—d6!	11	De7 x d6	
Dd2 x d6	12	c7 x d6	
Tf1—d1	13	Ta8—b8	
Td1 x d6	14	f7—f6	
Td6—d2	15	Rg8—f7	
Cf3—d4	16	a7—a6	
c4—c5	17	Rf7—e7	
Tal—c1	18	Cd8—c6	
Cd4—c2	19	a6—a5	
Ce2—e3	20	b7—b5	
c5 x b5a.p.	21	Tb8 x b6	
Ag2 x c6	22	d7 x c6	
Ce3—c4	23	Tb6—a6	
Ce4—d6	24	e6—e5	
Tel—d1	25	Ta6—a7	
Cd6—e4	26	Ac8—f5	
Ce4—c5	27	Tf8—b8	

Empatado.

(Esta partida foi extraída do livro «Torneio de Margate».

CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE XADREZ EM DUAS JOGADAS

Organizado pelo jornal «La Provincia», das Canárias, realiza-se brevemente este Concurso, para o qual já foram oferecidos grandes prémios. Oportunamente daremos notícias pormenorizadas sobre o assunto.

(Secção espanhola)

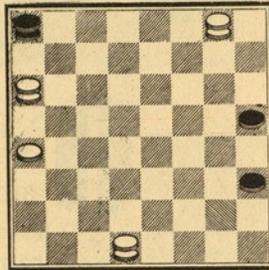
Orientador: Dr. Carlos Rodrigues Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 43 (Final artístico)

«La Provincia», 22/2/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Marianela»

Preto: 1 «dama» e 2 «pedras».



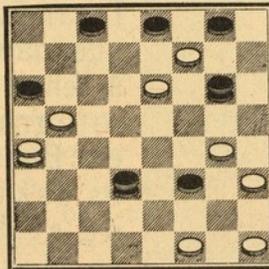
Branças: 3 «damas» e 1 «pedra».

Jogam as brancas e ganham.

COMPOSIÇÃO N.º 44

«La Provincia», 22/2/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Fas V»

Preto: 2 «damas» e 5 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 7 «pedras».

Jogam as brancas e ganham.

DAMAS

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA

(Portugueses contra espanhóis)

Principiou em 19 de Fevereiro de 1945 este «match», em que se defrontam uma equipa portuguesa, representativa de «Vida Mundial Ilustrada», e outra de jogadores canarianos. Damos, a seguir, a constituição das duas equipas:

Equipa espanhola

Mameto Rodrigues, campeão das Canárias.

Dr. Carlos Rodrigues Lafora, sub-campeão das Canárias.

Eutaquiano Hernandez.

Carlos Machin.

Agustín Silva.

Javier Rodrigues Ping.

Equipa portuguesa

Francisco A. Henriques (Almetrim — Grande técnico «damista» e apreciável jogador. É o capitão da equipa portuguesa.

António Carvalho Rodrigues (Pôrto) — Um dos melhores «damistas» do Pôrto e de Portugal.

António Catarino Borges (Pôrto) — Bom jogador. Dotado de grande golpe de vista e executando todos os lances com extrema atenção.

José Polónia Figueiredo (Ovar) — Campeão de Ovar e um «damista» magnífico.

António Lopes (Ovar) — Sub-campeão de Ovar e jogador habilidoso.

Mário Matos Neves (Ovar) — Um dos melhores jogadores de Ovar.

Num dos próximos números daremos mais notícias sobre este «match».

CHARADAS

AFERESADAS

1) O que *calunia* não merece reputação. — 3-2.

Lisboa Ateimar

2) As *bruzas*, deviam viver isoladas nas *penedias* — 3-2.

Lisboa Ateimar

3) Deixei o *sapato velho* dentro do *bote*. — 3-2

Lisboa Ateimar

SOLUÇÕES DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 22/2/945

1) Animar; 2) Ligação; 3) Malogro; 4) Pejado; 5) Realçar; 6) Baldoar.



malavitas CRUZADAS

PROBLEMA N.º 8

Por Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Originário do país em que vive. 2 — Bandeja; prefixo designativo de oposição. 3 — Perspicácia; lamento. 4 — Zele; bravura. 5 — Recebe; dar guarda (inv.). 6 — Pedra de moinho (inv.); interjeição designativa de estrondo; nada (inv.). 7 — Guarneçamos de asas; nota musical. 8 — Cidade de Itália; avança (inv.). 9 — Cáusticas; desabrido. 10 — Compaixão; cruel (inv.). 11 — Diz-se de vários músculos que abaixam.

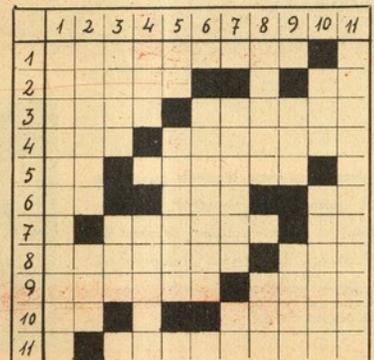
VERTICAIS: 1 — Abafadigo. 2 — Davam balidos; pedagogo. 3 — Interjeição empregada na provincia transmontana, para afagar os bois; pequena constelação austral. 4 — Abundância; produtos das entradas ao lago (inv.). 5 — Transitiva; templo de um só altar. 6 — Tamanhos. 7 — Quintas para culturas agrícolas, em Angola; existes. 8 — Ninharlas; espaço de tempo. 9 — Actuel (inv.); levantar. 10 — Poema lírico; abalo. 11 — Detestáveis.

PROBLEMA N.º 7 (Concurso)

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Câmara; amaras. 2 — Aparar; caneca. 3 — Púcara; atolar. 4 — Era; adita; aba. 5 — Laca; ora, atar. 6 — Orador; raposa. 7 — El; sl. 8 — Abalar; careta. 9 — Caro; eco; oval. 10 — Ala; aparo; ira. 11 — Magana; alutar. 12 — Aderir; domada. 13 — Ramoso; araras.

VERTICAIS: 1 — Capelo; acamar. 2 — Apurar; balada. 3 — Macaca; aragem. 4 — Ara; adelo; aro. 5 — Rara; oia; anis. 6 — Arador; reparo. 7 — Ir; cá. 8 — Acatar; corada. 9 — Mata; asa; olor. 10 — Ano; apiro; uma. 11 — Relato; evitara. 12 — Acabas; tarada. 13 — Sarara; alaras.



O vigor e a beleza juvenil da pele, pode adquiri-los usando o pó de arroz **MATTIE** — sem talco —, poderoso atributo do encanto feminino.

MATTIE, fabricado nas mais belas cores naturais, adere perfeitamente e torna imperceptível a sua aplicação. Resiste das intempéries e conserva-se todo o dia inalterável.

L.T. PIVER



*As pessoas elegantes
calçam os sapatos*

Cristal

Telefone 42424

RUA DO SALITRE, 42-D



Decore a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

C. MILLER

em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS
BOAS CASAS

**Fabricante
C. MILLER**

6, R. EDUARDO GOELHO, 8
LISBOA TELEF. 2 8313



**EM TODA A PARTE
PASTA
MEDICINAL
Costo**

**TRATA AS DOENÇAS
DA BÔCA, PORQUE
É MEDICINAL**



FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9

PR. RESTAURADORES, 49-57 - » 2 4948

AV. DA REPUBLICA, 57 - » 4 1189

RUA DA GRAÇA, 82-84 - » 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA

COMPANHIA ALCOBIA

**FORNECEDORES
DOS MELHORES
E MAIS LINDOS
MOBILIÁRIOS**

CÓMODAS DE ESTILO * PORCELANAS DE SAXE * ESPELHOS DE VENEZA * CANDEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA * TAPEÇARIAS * MARQUISSETES E VOILES SUÍÇOS * CARPETES DE LÃ *

*** COMPANHIA ALCOBIA ***

RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Capelo) / Telef. 26441 / LISBOA

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «**HORUS**» TINTAS PARA ESCRIVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS

MOISES & REIS, L.ª
FÁBRICAS: TRAF. DAS ÁGUAS DOAS, 11
TELEFONE 58-487
RUA FÁBRICA DA PÓLVORA, 22-B
TELEFONE 31-501
LISBOA

Composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.



**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

HUMORISMO

NOTAS DE GRAÇA

O VALOR DO ATREVIMENTO

A história diz que, certa vez, conduziram à presença de Alexandre um pirata que acabavam de prender. O grande conquistador dirige-lhe, então, a palavra nestes termos:

— Com que direito ousas tu cruzar os mares e fazer a pilhagem nas costas e nos barcos? O pirata, sem se descompor, respondeu apenas:

— E tu, com que direito te sentes para destruir o Universo? Eu percorro os mares só com um barquinho e chamam-me pirata. Tu que fazes o mesmo, com uma esquadra formidável, és o rei e como tal te reconheço!

Esta resposta atrevida valeu a vida do prisioneiro de Alexandre...

GOSTOS MODERNOS

COMO sabes, prometemos à nossa filha que lhe dariamos um belo presente, se estudasse piano...

— Sim, e que escolheu ela, então? — Um aparelho de rádio...

UMA GRAÇA PARA O CHIADO

O Dr. M. N., muito conhecido nos belos centros onde se faz espírito, desce uma rua em sentido contrário. Distraidamente, esbarra numa senhora e pisa-a levemente. A senhora irrita-se:

— O senhor parece cego! E usa óculos...

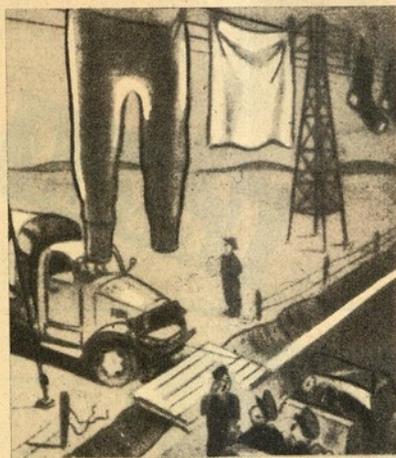
O Dr. M. N. com um sorriso, inclinando-se:

— V. Ex.ª, perdão-me, minha senhora, mas para ver o seu pézinho precisaria não de óculos mas de um microscópio...



Consequência das bombas...

O MUNDO É DOS ESPERTOS



— Meu coronel!... Não encontrei outro processo de camuflar o cabo de alta tensão...



— Com que então, teve a ousadia de chamar velha a minha mulher?

— Sim senhor, e depois?

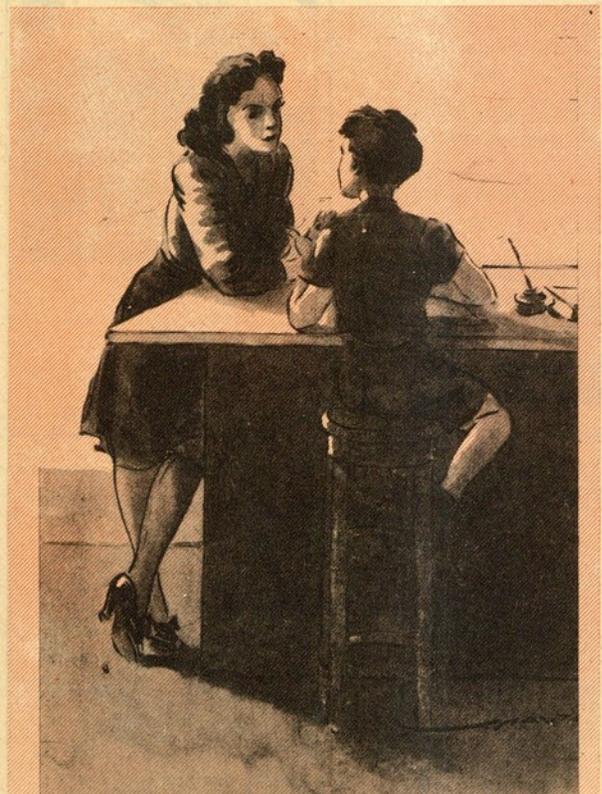
— Felicito-o, porque é um valente!



— Confesso-te: casaria com ele se fosse mais rico, mais simpático e se estivesse disposto a casar comigo...



— Que é isso, Gaspar? — Pas-me a colar este jarrão, e agora vão si como he de sair.



— O papá está furo! Andaste dois anos no liceu e não sabes fazer um problema em casa!

— Também o papá está há 20 anos na Casa da Moeda e não sabe fazer dinheiro em casa!

(Desenho e legenda de Stuart)



— O senhor é que vende o óleo de ricino?

— Sim, minha querida menina...

— E não tem vergonha?